



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ – UESC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: LINGUAGENS E
REPRESENTAÇÕES – PPGLLR**

NAHENDI ALMEIDA MOTA

**O *CONTINUUM* DE GRAMATICALIZAÇÃO DO VERBO *LEVAR*: descrição e
análise dos deslizamentos funcionais**

**ILHÉUS-BAHIA
2018**

M917 Mota, Nahendi Almeida.
O continuum de gramaticalização do verbo levar:
descrição e análise dos deslizamentos funcionais /
Nahendi Almeida Mota. – Ilhéus, BA: UESC, 2018.
86 f. : il.

Orientadora: Gessilene Silveira Kanthack.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual
de Santa Cruz. Programa de Pós-Graduação em
Letras: Linguagens e Representações.
Inclui referências e apêndice.

1. Língua portuguesa – Gramaticalização. 2. Língua portuguesa – Verbos. 3. Funcionalismo (Linguística).
4. Mudanças linguísticas. I. Título.

CDD 469.5

NAHENDI ALMEIDA MOTA

O CONTINUUM DE GRAMATICALIZAÇÃO DO VERBO *LEVAR*: descrição e análise dos deslizamentos funcionais

Dissertação apresentada ao Mestrado em Letras: Linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre.

Área de concentração: Estudos da Linguagem.

Linha de pesquisa do programa: Língua/Linguagem em perspectiva interdisciplinar.

Orientadora: Profa. Dra. Gessilene Silveira Kanthack.

**ILHÉUS-BAHIA
2018**

NAHENDI ALMEIDA MOTA

**O CONTINUUM DE GRAMATICALIZAÇÃO DO VERBO *LEVAR*: descrição e
análise dos deslizamentos funcionais**

Ilhéus-BA, 08 de março de 2018.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Gessilene Silveira Kanthack
UESC-BA
(orientadora)

Profa. Dra. Márcia dos Santos Machado Vieira
UFRJ/RJ

Prof. Dr. Urbano Cavalcante da Silva Filho
IFBA/UESC/BA

Aos meus portos seguros: mãe, avó, irmão, pai e noivo.

AGRADECIMENTOS

Nunca estive sozinha, mesmo em um processo solitário como a escrita de uma dissertação. Por isso, registro aqui os meus agradecimentos:

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento da pesquisa;

À minha orientadora, Profa. Dra. Gessilene Silveira Kanthack, pela disponibilidade, paciência e apoio. Obrigada, professora, por todas as criteriosas e exigentes orientações que, desde o TCC e a Iniciação Científica, têm contribuído para o meu crescimento profissional e acadêmico;

Ao colegiado do Programa de Pós-graduação em Letras: linguagens e representações;

Às professoras e aos professores do Mestrado, por todos os momentos de desconstrução, construção e reconstrução do conhecimento;

Aos professores Maurício Beck e Urbano Cavalcante, por todas as contribuições durante o Exame de Qualificação, bem como ao professor Urbano, novamente, e à professora Márcia Machado, por aceitarem participar da banca de defesa e por todas as observações em torno deste trabalho;

À minha mãe, minha mainha, por ser colo quando eu mais preciso, por acreditar tanto em mim e por estar sempre ao meu lado. Meu exemplo de luta e persistência. Tudo que fiz, faço e farei é por ti e para ti!

À minha avó Nonó, por ser calma quando tudo é turbulência. Agradeço pelas orações e por todos os fins de tarde cheios de papos gostosos, que me deram serenidade para voltar à escrita;

Ao meu irmão, meu Neninho. Obrigada por todas as noites de conversas e séries, que serviram de distração quando estava difícil permanecer debruçada sobre os livros. Obrigada por existir!

Ao meu pai, meu “paipai” Mota, por acreditar no meu potencial e por sempre me cercar de palavras de incentivo;

Ao meu noivo, meu “Lieb”. Obrigada por sempre me compreender e por ser minha base desde o processo de seleção até o momento de entrega desta dissertação. Obrigada por ser meu parceiro de todas as horas, sempre preparado para superar todos os desafios junto comigo;

À minha madrastra Dica e ao meu padrasto Pedro; às minhas cunhadas Beatriz e Thaiz; à minha sogra Elizabete. Obrigada por toda a torcida e suporte durante os dois anos e, principalmente, na reta final;

Às minhas irmãzinhas, Júlia e Clara, e à minha sobrinha Luna, por me mostrarem o mundo, novamente, sob o olhar de uma criança, e por me proporcionarem momentos de leveza;

Aos colegas do Mestrado. Em meio a tantos livros para ler, resumir e fichar, seminários para apresentar e artigos para escrever, vocês me proporcionaram momentos de diversão, cheios de risadas e boas conversas, tornando – na medida do possível – tudo mais leve. Um agradecimento especial a Ícaro Gibran e à Idyara, dois presentes que o Mestrado me deu e que trilharam todo o caminho ao meu lado;

A Luana Thibes, minha Thibinha. Estivemos juntas durante todo o caminho: leitura do edital, inscrição, escrita do projeto, seleção, entrevista, disciplinas e... escrita da dissertação. Obrigada por sempre me apoiar, por suportar meus dramas e exageros, por me defender quando foi preciso e por me acalmar quando eu não sabia o que fazer. Obrigada por ser essa pessoa!

A Denildes, um dos meus maiores presentes da graduação; e a Nandinha, a amizade de infância que permanece firme e forte.

A Mateus Gonçalves, pelos diálogos acerca da tradição normativa, do ensino de português e das pesquisas linguísticas atuais. Obrigada, também, pela disponibilidade em digitalizar vários materiais para mim;

A todos os amigos e amigas que compreenderam a minha ausência e permaneceram na torcida: não citarei nomes para não correr o risco de ser injusta e esquecer alguém, mas, a vocês, toda a minha gratidão!

Por fim, a Deus: “Até aqui nos ajudou o Senhor!”

“Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?”
Carlos Drummond de Andrade

O CONTINUUM DE GRAMATICALIZAÇÃO DO VERBO *LEVAR*: descrição e análise dos deslizamentos funcionais

RESUMO

Neste trabalho, investigamos o comportamento do verbo *levar* em crônicas publicadas no período de janeiro a dezembro de 2016 no *site* Crônicas do Dia, constituído por um corpo editorial de homens e mulheres de várias regiões do Brasil. Como objetivo principal, analisamos as funções sintático-semânticas assumidas por esse verbo a partir de um *continuum* que permite compreender os deslizamentos funcionais que caracterizam a chamada gramaticalização, um fenômeno de mudança linguística definido como um processo no qual itens ou construções lexicais, em determinados contextos linguísticos, assumem funções gramaticais ou itens já gramaticais assumem funções ainda mais gramaticais (HOPPER; TRAUGOTT, 1993). Para isso, identificamos as funções exercidas por tal verbo: se plena ou não, indicando em qual ponto do *continuum* elas estão alocadas, bem como explicamos o comportamento das funções que caracterizam os deslizamentos funcionais, reconhecendo os princípios assumidos por Hopper (1991): *Estratificação*, *Divergência*, *Especialização*, *Persistência* e *Decategorização*. Da análise feita, comprovamos a nossa hipótese: além de exercer a função de verbo pleno, como núcleo sentencial de transitividade direta ou direta e indireta, ele também desempenha as funções de verbo não pleno (e suas subcategorias), verbo-suporte (e suas subcategorias) e verbo auxiliar, o que indica, portanto, um *continuum* de gramaticalização.

Palavras-chave: Verbo *levar*. Usos. Gramaticalização.

**THE GRAMMATICALIZATION *CONTINUUM* OF THE VERB *LEVAR*: description
and analysis of the functional changes**

ABSTRACT

In the present study, we investigated the behavior of the verb *levar* (to bring) in chronicles which were published in the period between January 2016 and December 2016 in the website *Crônicas do Dia*, whose editorial board is established by men and women from various regions of Brazil. As a main goal, we analyzed the syntactic-semantic functions assumed by this verb in the light of a continuum which allows us to understand the functional changes which characterize the so-called grammaticalization, a linguistic change phenomenon defined as a process in which lexical items or constructions in some contexts assume grammatical functions or items which are already grammatical assume even more grammatical functions (HOPPER; TRAUGOTT, 1993). To do this, we identified the functions performed by such verb: if it is full or not, indicating in which point of the continuum they are allocated, as well as we explained the behavior of the functions which characterize the functional changes, identifying the principles assumed by Hopper (1991): Stratification, Divergence, Specialization, Persistence and Decategorization. From the analysis made, we proved our hypothesis: besides exercising the function of a full verb, as sentential core of direct or indirect transitivity, it also plays the roles of non-full verb (and its subcategories), verb-support (and its subcategories) and auxiliary verb, what indicates, therefore, a continuum of grammaticalization.

Keywords: Verb *levar* (to bring). Uses. Grammaticalization.

LISTA DE TABELAS, QUADROS E FIGURAS

Quadro 1 – Definições da construção “deixar-se levar” em dicionários do Português Brasileiro	56
Quadro 2 – <i>Continuum</i> de gramaticalização do verbo <i>levar</i>	60
Tabela 1 – Frequência de usos do <i>continuum</i> de gramaticalização	61
Tabela 2 – Funções: plena e em processo de gramaticalização	62
Figura 1 – Tirinha da Mafalda.....	68
Figura 2 – Tirinha do Paranoiaguda	68
Figura 3 – Tirinha da Turma da Mônica.....	69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 FUNCIONALISMO E MUDANÇA LINGUÍSTICA: pressupostos norteadores	17
1.1 Funcionalismo Linguístico: a língua como um sistema dinâmico.....	17
1.2 Mudança linguística: um permanente “moldar-se”	22
1.3 Encerrando o capítulo.....	27
2 GRAMATICALIZAÇÃO: um processo de criatividade linguística	28
2.1 Gramaticalização: renovação do sistema linguístico.....	28
2.2 Gramaticalização de verbos do Português Brasileiro: alguns resultados .	37
2.3 Finalizando o capítulo	44
3 OS USOS EFETIVOS DO VERBO <i>LEVAR</i> NO <i>CORPUS</i> INVESTIGADO	46
3.1 Sobre o <i>corpus</i>	46
3.2 Nossas hipóteses e os procedimentos metodológicos adotados	47
3.3 O verbo <i>levar</i> em dois dicionários digitais: o Aulete e o Michaelis	48
3.4 Os deslizos funcionais do verbo <i>levar</i> : uma análise qualitativa	49
3.5 Frequência de uso: uma análise quantiqualitativa	61
3.6 Reconhecendo os princípios de Hopper nos usos do verbo <i>levar</i>	63
3.7 Concluindo o capítulo.....	64
4 PRESSUPOSTOS FUNCIONALISTAS E ENSINO	66
4.1 A escola atual e os avanços no ensino de língua portuguesa	66
4.2 Uma postura reflexiva sobre o verbo <i>levar</i>	68
4.3. Finalizando o capítulo.....	73
CONCLUSÕES	74
REFERÊNCIAS.....	76
APÊNDICE.....	80

INTRODUÇÃO

Considerando que as necessidades comunicativas motivam os falantes a criarem novas funções para formas antigas, neste trabalho, objetivamos abordar essa propriedade da língua tendo como exemplo o verbo *levar*, que, assim como outros verbos da língua portuguesa, demonstra exercer, num mesmo domínio funcional, funções que indicam mudança por gramaticalização.

No tocante à mudança linguística, uma propriedade inerente às línguas naturais, sabemos que não há um consenso coletivo quanto à aceitação dessa propriedade, principalmente quando está em questão a norma padrão da língua, aquela que é retratada, por exemplo, nas chamadas gramáticas de orientação normativa, instrumentos que regem, normalmente, o ensino de uma língua.

Em se tratando da língua portuguesa, particularmente a que foi constituída no território brasileiro, sabemos que a discussão em torno de mudança começa, inclusive, a partir de como essa língua foi nomeada. É fato que, quando chegou ao Brasil há mais de quinhentos anos, por algum tempo foi chamada de português **no** Brasil, afinal, ela não nos pertencia, só “estava” aqui por meio do povo lusitano (CASTILHO, 2014). Porém, no século XVIII, devido a fatores demográficos – como o aumento da população branca e mestiça, bem como o regresso da população indígena em contato e o crescimento do número de negros escravizados – definiu-se uma nova política colonial em nosso país, onde o português tornou-se a língua dominante (SILVA R., 2004).

Conseqüentemente, nesse mesmo século, o Marquês de Pombal determinou, por meio jurídico e administrativo, que a língua portuguesa passasse a ser obrigatória, revogando, assim, o uso de quaisquer outras línguas em nosso território. Esse acontecimento histórico delineou um novo destino linguístico para o Brasil: com a urbanização gradativa, a escolarização e a vinda da Corte para cá, o português foi declarado a língua nacional e oficial do nosso país (SILVA R., 2004).

Com isso, procurava-se implementar uma política de homogeneização e uniformização da língua. Todavia, a língua falada no território brasileiro já não era exatamente semelhante à língua falada em Portugal, afinal, aqui ela já estava desenvolvendo marcas próprias, devido às próprias mudanças naturais e às influências das línguas que aqui existiam (as indígenas) e das que aqui chegavam (as

européias). Com essas mudanças, no século XIX, a língua portuguesa, já majoritária em território nacional, passou, então, a ser reconhecida como o português **do** Brasil (CASTILHO, 2014).

Foi nesse século que, segundo Pagotto (1998), consolidaram-se importantes mudanças que passaram a diferenciar o português do Brasil e o português europeu, interrompendo, assim, o mito da unidade linguística, que passou a ser objeto de discussão mais efetivamente no século XX, quando discussões em torno da existência de um **Português Brasileiro** vieram à tona. Acerca de como nomear a nossa língua, o linguista Marcos Bagno afirma que, independentemente do nome que se dê a ela, o mais importante é reconhecê-la como uma língua plena, “perfeita para atender a todas as necessidades de interação social e de construção da identidade dos cidadãos” (BAGNO, 2012, p. 111).

Surge assim, nesse processo de reconhecimento de uma identidade nacional, de uma língua própria já consolidada, a necessidade da sua gramatização, um processo que, segundo Aurox (1992, p. 65, grifos do autor), “conduz a *descrever* e a *instrumentar* uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares do nosso saber metalingüístico: a gramática e o dicionário”. Isso tem sido feito, por exemplo, com a elaboração das chamadas gramáticas descritivas, e, aqui, referimo-nos em especial às que são orientadas por pressupostos funcionalistas, dentre eles a de que “a gramática das línguas naturais é um conjunto de escolhas formuladas pelo falante” (CASTILHO, 2012, p. 22). Nesse tipo de gramática, os usos efetivos de uma língua são o ponto de partida da descrição, que considera, inclusive, as estruturas/formas que estão em processo de mudança.

A propósito, mudança linguística passou a ocupar um lugar de destaque nas pesquisas de cunho funcionalista, cujo pressuposto é que a mudança é um processo natural, compreendida como fruto de uma relação de dependência entre o sistema de uma língua e seus usos efetivos. Conforme Martelotta (2011, p. 16), não é possível “estabelecer uma distinção categórica entre o uso da língua e as regras gramaticais que estão na sua base, já que as regras mudam e a mudança se manifestou no uso e por ele se motiva”.

Esse tipo de compreensão passou a orientar, a partir dos anos 1970 e 1980, no contexto da Linguística Funcional norte-americana, alguns autores no que diz respeito aos estudos de mudanças, levando-os a resgatarem a teoria denominada de gramaticalização, usada para explicar, grosso modo, a passagem de um item lexical

para um item gramatical, conforme postulou inicialmente Meillet (1912), a quem é atribuído o primeiro uso do termo *gramaticalização* (GONÇALVES et al, 2007).

Hopper e Traugott são dois desses autores que se interessaram em explicar mais sistematicamente a gramaticalização, sobretudo, ampliando o seu conceito: um processo através do qual, itens ou construções¹ lexicais, em determinados contextos linguísticos, assumem funções gramaticais ou itens já gramaticais assumem funções ainda mais gramaticais. Assim como eles, Heine et al., Givón, Lehmann, Haiman, entre outros, também procuram dar conta desse tipo de mudança linguística (NEVES, 1997).

No Brasil, um dos trabalhos que orientam a compreensão de como se manifesta a gramaticalização é o de Gonçalves et al. (2007, p. 66), que a reconhece como um dos processos de “criatividade linguística, fundado no dinamismo natural das línguas”, propiciada por alterações que se dão a partir da interação entre a semântica, o discurso e a gramática. Nessa linha, está também Martelotta (2011), que defende a ideia de que “o discurso motiva as transformações que sofrem os elementos linguísticos e que essas transformações apresentam uma unidirecionalidade: caminham do discurso para a gramática” (p. 91-92).

Assumindo pressupostos como esses, nossas perguntas norteadoras foram: quais funções exerce o verbo *levar* no *corpus* analisado? as funções indicam um *continuum* de gramaticalização? Assim, objetivamos, com esta pesquisa, descrever e explicar o comportamento multifuncional do verbo *levar* a partir de um *corpus* constituído de crônicas publicadas no *site* Crônica do Dia, durante todo o ano de 2016.

A escolha por esse verbo se deu após a leitura panorâmica de algumas crônicas, permitindo visualizar um uso regular não apenas da função plena, preconizada pela tradição normativa² – a qual o define como um verbo transitivo direto ou como verbo transitivo direto e indireto, mas também de outras funções que são pouco conhecidas.

Com o objetivo definido, nossas hipóteses se desenharam assim: o verbo *levar* deverá integrar um *continuum* que se inicia com usos que indicam sua função +concreta, propriedade típica de verbo pleno – núcleo sentencial, de transitividade direta ou direta e indireta – como está posto comumente nas gramáticas normativas,

¹ Aqui, compreendemos “construção” da mesma forma que Martelotta (2011, p. 84), “uma unidade linguística complexa não composicional”.

² Por tradição normativa compreendemos as prescrições presentes nas chamadas gramáticas normativas, aquelas que levam em conta os fatos da língua padrão, entendendo a regra como “uma espécie de lei que regula o uso da língua em uma sociedade” (TRAVAGLIA, 2005, p. 30-31).

e que se alarga com usos diversificados, por exemplo, desempenhando a função de verbo não pleno, demonstrando que seus objetos e/ou seu movimento deixam de ser concretos e passam a denotar caráter abstrato e metafórico. Dentre os usos diversificados, encontraremos o verbo assumindo funções gramaticalizadas, a de verbo-suporte – na qual o verbo ocorre dessemantizado, de modo que o papel temático é transferido para os constituintes à sua direita – e a de verbo auxiliar, na qual ele acompanha o verbo principal e dá à sentença a noção de causalidade.

No intuito de comprovar isso, definimos como ações específicas:

- (i) identificar as funções exercidas pelo verbo *levar*, se plena ou não, com propriedades +concretas ou propriedades +abstratas;
- (ii) quantificar as ocorrências de cada uma das funções, com o objetivo de depreender as suas frequências de uso;
- (iii) analisar as regularidades características de cada função, o que permitirá visualizar o *continuum* e os deslizamentos funcionais do verbo;
- (iv) apontar as mudanças de cunho sintático-semântico ocorridas com as funções +gramaticalizadas;
- (v) reconhecer, a partir dos princípios de Hopper (1991), o que ocorre com cada função exercida pelo verbo;
- (vi) contribuir para reflexões acerca do ensino de verbo em aulas de língua portuguesa.

Justificamos a relevância da pesquisa tendo em vista: primeiro, compreender o fenômeno da gramaticalização e explicá-lo utilizando um item do Português Brasileiro é uma maneira de contribuir com os estudos de descrição da nossa língua, particularmente os de sintaxe; segundo, pelo fato de a classe gramatical *verbo* ser uma das mais trabalhadas em salas de aula de língua portuguesa e requerer um tratamento mais sistemático e mais coerente, o que pode ser alcançado através da compreensão de sua multifuncionalidade.

Essa compreensão será guiada a partir do pressuposto de que a língua é heterogênea, dinâmica, e que, para captar as mudanças, é necessário recorrer a uma metodologia que contemple os usos efetivos. Justificamos, assim, a escolha de nosso *corpus*, um arquétipo de uso efetivo da língua, mais especificamente de sua modalidade escrita. Por ser a crônica um gênero que visa uma aproximação maior

com seu leitor, com uma linguagem mais despretensiosa e, mesmo que monitorada, mais simples e direta, acreditamos que será um *locus* onde o verbo *levar* pode manifestar um comportamento multifuncional.

Para apresentar os resultados da pesquisa empreendida, organizamos este trabalho em quatro capítulos. No primeiro, expomos pressupostos norteadores da pesquisa, os quais fundamentam a corrente teórica denominada de Funcionalismo Linguístico, bem como o que caracteriza a mudança linguística. No segundo, tratamos do fenômeno da gramaticalização, ilustrado, particularmente, por meio de pesquisas já feitas em torno de verbos do Português Brasileiro. No terceiro, apresentamos a descrição e análise dos nossos dados, cujos resultados nos permitem confirmar a hipótese de que o verbo *levar* apresenta um comportamento multifuncional, com funções que vão além daquelas previstas nos manuais normativos e que indicam um *continuum* de gramaticalização. Já, no último capítulo, ponderamos sobre as possíveis contribuições de estudos funcionalistas para o ensino de língua portuguesa e apresentamos uma sugestão de atividade que contempla usos efetivos do verbo *levar*. Por fim, as conclusões, juntamente com as referências e o apêndice, encerram o trabalho.

CAPÍTULO 1: FUNCIONALISMO E MUDANÇA LINGUÍSTICA: pressupostos norteadores

O objetivo deste capítulo é expor o nosso referencial teórico, que é de base funcionalista. Na seção 1.1 “Funcionalismo Linguístico: a língua como um sistema dinâmico”, apresentamos alguns pressupostos que nos permitem compreender a natureza funcional de uma língua, defendida desde os estudiosos da Escola Linguística de Praga até os chamados funcionalistas modernos, dentre eles Givón, Dik, Martelotta, Neves etc. Na seção 1.2 “Mudança linguística: um permanente ‘moldar-se’”, pontuamos algumas explicações sobre a mudança, uma propriedade inerente às línguas naturais.

1.1 Funcionalismo Linguístico: a língua como um sistema dinâmico

O pensamento linguístico desenvolvido no século XX, e que continua ativo no século XXI, tem como base dois polos que se opõem quanto à compreensão do funcionamento de uma língua: o polo formalista e o polo funcionalista.

Por um lado, o formalismo defende que a língua deve ser apreendida “não como um conglomerado de fatos não linguísticos (físicos, fisiológicos, psicológicos, lógicos, sociológicos), mas, sim, como um todo que se basta a si mesmo, uma estrutura *sui generis*” (HJELMSLEV, 1975, p. 3). Logo, sob essa ótica, a análise das formas linguísticas “parece ser primária, enquanto os interesses funcionais são apenas secundários” (NEVES, 1997, p. 39).

Por outro, o funcionalismo – diferentemente do estruturalismo e do gerativismo, por exemplo, que priorizam a estrutura gramatical e lidam com a linguagem desvinculada do seu contexto de uso – é uma corrente teórica que concebe a heterogeneidade e dinamicidade como propriedades básicas de uma língua. Nessa perspectiva, é a função das formas linguísticas que assumem uma posição preponderante, além de serem vistas como flexíveis e permeáveis às pressões do uso, sendo o contexto comunicativo a motivação para explicar os fatos da língua. A estrutura é vista como “uma variável dependente, pois os usos da língua, ao longo do tempo, é que dão forma ao sistema” (CUNHA, 2015, p. 21).

Esse ramo de estudos, assim como outros, segundo Castilho (2014, p. 68), “desencapsulou’ a língua de seus rígidos limites estruturalistas e gerativistas, estabelecendo correlações entre os fatos gramaticais e os dados da comunidade que os gerou”, de modo que a língua deixa de ser vista como um sistema fechado, com regras fixas, e passa a ser estudada e avaliada como um instrumento instável, que existe através de seus falantes e, conseqüentemente, sofre alterações advindas de seu uso efetivo.

Assim como o estruturalismo e o gerativismo, o funcionalismo não é uma vertente monolítica, permitindo-nos afirmar que há vários funcionalismos, pois, como afirma Neves (1997, p. 1), na introdução de seu livro *A gramática funcional*,

caracterizar o *funcionalismo* é uma tarefa difícil, já que os rótulos que se conferem aos estudos ditos ‘funcionalistas’ mais representativos geralmente se ligam diretamente aos nomes dos estudiosos que os desenvolveram, não a características definidoras da corrente teórica em que eles se colocam.

De todo modo, a concepção de língua enquanto instrumento de interação social e o fato de lidar com ela dentro dos contextos comunicativos são assertivas adotadas por estudiosos preocupados em dar conta da relação entre usos e contextos linguísticos. Dentre os pioneiros, estão os estudiosos da Escola Linguística de Praga, grupo de pesquisadores que começou a atuar antes de 1930, “para os quais a linguagem, acima de tudo, permite ao homem reação e referência à realidade extralinguística” (NEVES, 1997, p. 17).

Numa perspectiva mais moderna, desenvolvida a partir dos anos 70, nos Estados Unidos, a linguística funcional ganha adeptos como, por exemplo, Givón e Dik, que, assim como os estudiosos de Praga, “buscam construir a teoria no interior do próprio sistema, o que revela, fundamentalmente, uma consideração funcional da própria natureza da linguagem” (NEVES, 1997, p. 17).

Givón (1995) defende princípios que vão contrapor aos três dogmas centrais da linguística estrutural: a *arbitrariedade do signo linguístico*, a idealização relacionada à *distinção entre língua e fala* e à *distinção entre diacronia e sincronia*.

Para se opor à ideia de que a relação entre o significado e significante é arbitrária, Givón (1995) apresenta o princípio da *iconicidade*, definido como a correlação natural e motivada entre forma e função. Todavia, seu princípio também é questionável, afinal, a existência de um significado representado por várias formas e

de uma forma para vários significados já revela que essa relação nem sempre é icônica ou não arbitrária. De todo modo, com uma abordagem voltada para o uso, é possível observar mecanismos que servem de motivação para criação de novos referentes. Por exemplo, para criar novos rótulos, o falante tende a usar material já existente, em vez de, arbitrariamente, inventar/criar novas sequências sonoras.

O segundo dogma debatido por Givón diz respeito à idealização associada à distinção entre *langue* e *parole*. Como se sabe, para Saussure, a primeira era compreendida como geral, essencial, e a segunda como individual, acidental. Para ele, importava apenas compreender os fatos da língua, ficando de fora, assim, a fala, que, por sua vez, ganhou ênfase com o funcionalismo, compreendendo-a como o “nível gerador do sistema linguístico” (MARTELOTTA; KENEDY, 2015, p. 19). Logo, sob esse viés, língua e fala não são antagônicas, mas, sim, dois elementos que estão intimamente relacionados.

O último dogma, que envolve a dicotomia *sincronia* e *diacronia*, vista pelo estruturalismo como eixos separados e não intercambiais, é colocado em discussão quando pesquisas em gramaticalização revelam a necessidade de se considerar uma concepção pancrônica da língua, isto é, observar

não as relações sincrônicas entre seus elementos ou as mudanças ocorridas nesses elementos e nas suas relações ao longo do tempo, mas as forças cognitivas e comunicativas que atuam no indivíduo no momento concreto da comunicação e que se manifestam de modo universal, pois refletem os poderes e as limitações da mente humana para armazenar e transmitir informações (MARTELOTTA; KENEDY, 2015, p. 20).

O que Givón (1995) defende, portanto, é uma corrente linguística que não se sustenta em dicotomias como aquelas propostas pelo estruturalismo. Com o princípio da *iconicidade*, ele defende a relação motivada entre forma e significado; com a ênfase na fala, ele afirma que as transformações presentes no discurso são exatamente o que o alimenta, e, com a perspectiva *pancrônica*, ele manifesta seu real interesse nas forças cognitivas e comunicativas atuantes no ato da comunicação.

Outro autor que contribuiu para o desenvolvimento da linguística funcional moderna é Dik (1997)³, com a publicação da obra *The Theory of Functional Grammar*. Nesta, o autor apresenta fundamentos que caracterizam a gramática funcional.

³ Dik (1997 [1989]).

Um dos primeiros fundamentos diz respeito à concepção de língua. Uma língua natural é definida como um instrumento de interação social. Não existe, em si e por si, como uma estrutura arbitrária e autônoma, mas existe para uma finalidade, estabelecer a comunicação entre seus usuários. Aqui, comunicação é vista “como um padrão interativo dinâmico de atividades através das quais usuários efetuam certas mudanças na informação pragmática de outros usuários” – informação pragmática compreendida como “todo o corpo de conhecimento, crenças, preconceitos, sentimentos etc., que juntos constituem o conteúdo da mente de um indivíduo em determinado momento” (DIK, 1997, p. 5, tradução nossa⁴).

Um outro fundamento defendido por esse autor envolve o correlato psicológico de uma língua, que é a competência comunicativa, compreendida como “a capacidade de construir e interpretar expressões linguísticas, mas também de usar essas expressões de maneira apropriada e efetiva de acordo com as convenções de interação verbal” (DIK, 1997, p. 6, tradução nossa⁵). Ou seja, mais do que compreender e fazer uso das expressões linguísticas, os usuários da língua precisam saber usá-las de maneira apropriada, verificando o contexto comunicativo e a interação verbal.

A propósito, a interação verbal é definida como uma forma de atividade cooperativa estruturada. Ela é

uma atividade *estruturada* (ao invés de aleatória) no sentido de que ela é governada por regras, normas e convenções. Trata-se de atividade *cooperativa* no sentido óbvio de que precisa de dois participantes para atingir seus objetivos. Dentro da interação verbal, os participantes usam instrumentos que, no sentido geral do termo, chamaremos *expressões linguísticas* (DIK, 1997, p. 3, grifos do autor, tradução nossa⁶).

⁴ “[...] dynamic interactive pattern of activities through which NLUs effect certain changes in the pragmatic information of their communicative partners” e “full body of knowledge, beliefs, preconceptions, feelings, etc. which together constitute the content of mind of an individual at a given time” (DIK, 1997, p. 5).

⁵ “[...] capacity comprises not only the ability to construe and interpret linguistic expressions, but also the ability to use these expressions in appropriate and effective ways according to the conventions of verbal interaction” (DIK, 1997, p. 6).

⁶ “[...] *structured* (rather than random) activity in the sense that it is governed by rules, norms, and conventions. It is *cooperative* activity in the obvious sense that it needs at least two participants to achieve its goals. Within verbal interaction, the participants avail themselves of instruments which, in a general sense of the term, we shall call *linguistic expressions*” (DIK, 1997, p. 3).

Essas expressões a que se refere o autor são usadas e interpretadas, tanto por falante quanto por destinatário, de maneiras diversas a depender do contexto de uso. Elas servem como mediadoras da relação entre a intenção do falante e a interpretação que o destinatário faz, pois, conforme Dik (1997, p. 5, tradução nossa⁷), “a comunicação não é, portanto, restrita à transmissão e recepção de informações factuais”. Isto é, a expressão linguística só tem sua função dentro da interação verbal. Logo, a língua passa a ser compreendida como um sistema funcional, e a gramática, conjunto de regularidades, é constituída no contexto de interação discursiva, por isso, ela nunca está pronta, está sempre em movimento, já que as expressões e as funções são adaptadas pelos falantes para atender às necessidades comunicativas.

Função, nesse viés, deve ser compreendida num sentido amplo, não apenas como o “‘papel de uma palavra em uma oração’, acrescentado ao sentido que a palavra tem num determinado contexto (que é o que está na tradição gramatical)” (NEVES, 1997, p. 5). Ela deve ser entendida como o papel que a linguagem desempenha na vida dos falantes, logo, as expressões linguísticas estão intrinsecamente associadas à língua em uso.

É, também, a partir da dinâmica do uso, que a gramática, sistema funcional, deve ser compreendida, pois ela tem um papel importante na construção das unidades e das funções que essas adquirem numa língua. Nessa perspectiva, a gramática não pode ser vista como um produto acabado, mas, sim, como uma “atividade no tempo real” (GONÇALVES et al., 2007, p. 15), um organismo maleável, adaptável, que se refaz constantemente, “em instâncias diversas, como morfologia, fonologia, semântica e sintaxe. [...] É um movimento contínuo e altamente produtivo em todas as línguas naturais” (GONÇALVES et al., 2007, p. 29).

Portanto, gramática, aqui, está intimamente relacionada com o discurso, ambos inter-relacionados e interdependentes. Afinal, não há discurso sem gramática, e a gramática não pode ser dissociada do discurso, pois ela está, inclusive, a seu serviço e a serviço da pragmática. Dessa maneira, para compreender os fatos da língua, será preciso estudá-la a partir dos usos concretos, “em seus contextos discursivos específicos, pois é nesse espaço que a gramática é constituída” (MARTELOTTA; KENEDY, 2015, p. 17).

⁷ "Communication is thus not restricted to the transmission and reception of factual information" (DIK, 1997, p. 5).

Do que foi exposto, fica claro que, nessa vertente, a língua é concebida como instrumento de comunicação, sendo que, para isso, os falantes recorrem a expressões linguísticas que não podem ser interpretadas como objetos autônomos, mas, sim, como estruturas flexíveis que se ajustam em função das pressões do uso. E é nessa dinâmica que se pode observar, por exemplo, os fenômenos que caracterizam a mudança linguística, que será abordada na seção a seguir.

1.2 Mudança linguística: um permanente “moldar-se”

Compreendida como uma propriedade inerente às línguas naturais, a mudança linguística tem despertado, há pelo menos meio século, o interesse de pesquisadores que adotam abordagens linguísticas contemporâneas, dentre elas as que concebem a língua como heterogênea, dinâmica e adaptativa. Isso ocorreu em função de correntes linguísticas anteriores, como o estruturalismo e o gerativismo, não se preocuparem, de início, em explicar como as mudanças linguísticas se processam.

Saussure, embasado em sua visão estruturalista, cria e defende a dicotomia *langue* – sistema fixo e estático, definido como o conjunto de conhecimentos pertencente a todos, e *parole*, reconhecida como a utilização individual desse conhecimento, sendo, portanto, múltipla e assistemática. Como ele priorizou a língua como objeto de estudo da Linguística, a fala, o lugar onde ocorrem as mudanças na língua, ficou de fora dos seus interesses. O mesmo ocorreu no gerativismo, quando Chomsky elegeu a *competência* como seu objeto de estudo, visto que ela “teria origem em princípios inatos depositados na mente dos indivíduos, que, engatilhados pelo contato com dados da experiência linguística, vão se desenvolvendo no sentido de formar a gramática das línguas” (MARTELOTTA, 2011, p. 14). A mudança, em determinado momento do programa gerativista, era entendida como algo que ocorreria entre gerações, isto é, na medida em que as crianças ouviriam os adultos, elas passariam a incorporar as regras que são comuns a todos.

Essa hipótese defendida por Chomsky, no entanto, é refutada, por exemplo, por Bybee (2015, apud Bagno e Casseb-Galvão, 2017), que defende não poder restringir a ocorrência da mudança ao estágio inicial da aquisição da linguagem, e, como justificativa, apresenta alguns fatos, tais como:

Alguns tipos de mudança pragmática, tais como as mudanças decorrentes de inferência (e analogia) são exclusivas dos adultos, pois as crianças só aprendem a fazer inferências apropriadas bem mais tarde em seu desenvolvimento.

As crianças adquirem os padrões do uso e variação que existem na língua que elas experienciam; e fazem simplificações através de substituições por padrões encontrados na língua circundante.

As crianças não estão em posição social, não têm voz de autoridade para impor sua gramática aos adultos com os quais interagem; por isso, a direção de influência geralmente vai no rumo oposto, com as crianças pequenas adaptando-se à língua de seus pares e das pessoas mais velhas. (BYBEE, 2015, apud BAGNO; CASSEB-GALVÃO, 2017, p. 19).

Na visão de Bybee, se fosse durante a aquisição da língua o momento em que a mudança é implementada, toda uma geração de crianças passaria a reanalisar sua gramática de forma abrupta; no entanto, todas as evidências revelam que a mudança linguística é gradual.

Com o interesse de tentar explicar o que motiva as mudanças linguísticas, perspectivas teóricas como a Sociolinguística e a Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), por exemplo, passam a reconhecer que a língua não tem vida fora de seus falantes, fora da comunidade de fala. Logo, falar em mudança significa dizer que ela não surge de maneira aleatória e muito menos independente da interação entre os falantes. Não se trata de algo assistemático, irregular, caótico. Conforme Bagno e Casseb-Galvão (2017, p. 10),

o reconhecimento do caráter heterogêneo, multifacetado, dinâmico, fluido do sistema linguístico permite dizer que o aparente caos na maneira como os usuários da língua constroem enunciados reflete o caráter híbrido da formação social e do como eles conceituam os eventos do mundo, organizam representações e as compartilham no processo interacional.

Para a Sociolinguística, a mudança é fruto da variação linguística, sendo esta última explicada em função de fatores linguísticos (aqueles associados à constituição fonético-fonológica, morfossintática, semântica e discursivo-pragmática) e de fatores extralinguísticos (aqueles relacionados diretamente aos falantes, como faixa etária, escolaridade, gênero, etnia, profissão etc.).

Dentre as funções dessa perspectiva teórica, estão: investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação e prever o comportamento regular e sistemático dos novos usos, considerados alternativos (MOLLICA, 2003). Assim, é

possível observar se uma variante é estável ou se indica uma *mudança em progresso ou em curso*. Considera-se *variação estável* se não verificar, por exemplo, correlação entre a variável e a faixa etária dos falantes; aponta-se para a *mudança* se constatar um uso mais elevado da variante inovadora na fala dos mais jovens, decrescendo em relação à idade dos outros falantes.

A língua, na perspectiva da Sociolinguística,

é um sistema múltiplo, um conjunto de multissistemas, denominado 'variedades'. E essas variedades linguísticas representam diversos estágios de mudança linguística, convivendo ao mesmo tempo em dada sociedade. O fato de alguns grupos sociais levarem adiante processos de mudanças que outros estão apenas começando a operar, enquanto outros ainda conservam formas mais antigas e outros já completaram os processos de mudança, constitui comprovação empírica do dinamismo linguístico. (BAGNO; CASSEB-GALVÃO, 2017, p. 16).

Para a LFCU, explicar a mudança implica considerar a relação entre as estruturas das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação, dado o pressuposto assumido de que a língua se materializa na interação. No dizer de Martelotta (2011, p. 27), por ser a língua dinâmica e funcional, a mudança linguística deve ser compreendida como “um fenômeno essencialmente funcional, no sentido de que está relacionada às estratégias comunicativas que os usuários utilizam nos diferentes eventos de uso”.

As mudanças linguísticas, segundo essa perspectiva, são motivadas por processos cognitivos e comunicativos, “associados a mecanismos de inter/subjetificação⁸ e inferência sugerida, fenômenos que refletem questões de caráter interativo e cultural” (MARTELOTTA, 2011, p. 79), afinal, levam-se em consideração a natureza criativa e fluida da língua e a interferência do uso que os falantes fazem dela.

Esses fatores cognitivos “decorrem de determinadas características dos seres humanos, haja vista que é inerente à espécie determinada configuração fisiológica e cerebral e, conseqüentemente, determinados recursos intelectuais e potencialidades cognitivas” (BAGNO; CASSEB-GALVÃO, 2017, p. 26). Dentre eles, resultantes do

⁸ Para Dias e Lima-Hernandes (2017, p. 165-166), fundamentadas em Traugott (2010), “subjetificação é o desenvolvimento de significados que expressam a atitude ou o ponto de vista do falante, enquanto intersubjetificação é o desenvolvimento de significados referentes à atenção do falante para a autoimagem do destinatário”.

processamento cerebral das representações linguísticas, destacam-se os processos metafóricos, compreendidos como

um mecanismo de transferência entre domínios de conhecimento, que tende a caminhar no sentido concreto > abstrato. *O princípio é relativamente simples: utilizamos conceitos mais concretos e mais fáceis de serem conceptualizados e transmitidos comunicativamente para a expressão de valores mais abstratos e, portanto, mais fáceis de serem conceptualizados.* A metáfora constitui, portanto, uma estratégia cognitiva que permite que nosso pensamento caminhe por conceitos abstratos (MARTELOTTA, 2011, p. 81, grifo nosso).

Para Hopper e Traugott (1993, p. 84, tradução nossa⁹), os processos metafóricos são “processos de inferência através de fronteiras conceituais, [...] de um domínio para o outro”. Essa inferência ocorre por meio de mapeamentos (*mappings*), isto é, através da associação entre elementos de domínios diferentes, motivados por analogia e relacionamentos icônicos, e não aleatoriamente.

Assim, metáfora, nessa perspectiva, é uma estratégia cognitiva que colabora com a formação de novas construções, um mecanismo que permite ao usuário da língua, grosso modo, recorrer a velhas formas e atribuir-lhes novas funções. No processo comunicativo, ele aciona as formas/estruturas de natureza mais concreta (de sentido representacional) e passa a usá-las com funções mais abstratas (de nível interpessoal).

Os elementos de sentido representacional são, conforme Martelotta (2011, p. 92), “itens ou expressões que fazem referência a dados do universo biossocial, designando, em termos muito gerais, objetos, entidades, sentimentos, ações e qualidades”, ou seja, são aqueles que costumam fazer parte do grupo de elementos lexicais, como substantivos, verbos e adjetivos. Essas palavras são chamadas por Hopper e Traugott (1993, p. 4) de “palavras de conteúdo” ou “itens lexicais” (*‘content’ words* ou *contetives*).

Já os elementos do nível interpessoal “não têm exatamente aquela atribuição de caráter referencial, apresentando funções tradicionalmente definidas como gramaticais, funcionais ou interacionais, já que refletem o processo de criação do texto em diferentes situações de comunicação” (MARTELOTTA, 2011, p. 93). Hopper e Traugott (1993, p. 4) chamam essas palavras de “palavras gramaticais” (*‘grammatical’*

⁹ “[...] processes of inference across conceptual boundaries [...], from one domain to another” (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 84).

words) e afirmam que elas servem para indicar relação entre itens, bem como para ligar partes de um discurso, indicar participantes já identificados ou não durante a situação comunicativa e mostrar se esses participantes estão ou não perto do falante/ouvinte.

Conforme Gonçalves et al. (2007, p. 17), essa distinção, entre itens lexicais e gramaticais, “serve simplesmente para diferenciar o conjunto de propriedades que identifica uma e outra categoria”, e, no caso da gramaticalização, ela é pertinente porque possibilita entender que, num *continuum*, certas palavras estão mais próximas do léxico e outras, não. *Continuum*, aqui, corresponde a uma linha imaginária que conecta os dois extremos que aloca, de um lado, os itens de natureza lexical, de sentido representacional e, de outro, os de natureza não-lexical, de nível interpessoal.

Para Bagno (2012, p. 172), esse processo se dá pela transferência “da coisa para a não-coisa, do universo empírico para o universo do discurso, do sensível para o cognoscível”. O autor também destaca que as metáforas estão presentes na língua nos mais variados momentos, seja na língua falada ou na escrita, no cotidiano ou em textos literários, porém, elas são tão cristalizadas que se tornam comuns e não despertam a curiosidade dos falantes.

Outro processo cognitivo que permite a mudança linguística em geral, particularmente a gramaticalização, é a chamada metonímia, vista, “tal qual a metáfora, como uma categoria de extensão de significados, um processo fundamental de associação de significados baseados na contiguidade” (GONÇALVES et al. 2007, p. 47).

Para Martelotta (2011, p. 111), a metonímia é “um mecanismo que ativa implicaturas associadas ao material linguístico existente em um determinado contexto sintagmático, que é utilizado em um evento de uso particular: o mecanismo de inferência sugerida”. Isto é, o uso de um determinado elemento em uma situação comunicativa específica gera uma interpretação que possibilita ao usuário da língua usar esse mesmo elemento, com uma nova função, tendo em vista as associações feitas com o uso anterior. Trata-se de “um tipo de inferência pragmática, uma ‘associação conceptual’ fundamentada no mundo discursivo” (GONÇALVES et al., 2007, p. 47). Ainda segundo esses autores,

a mudança de significado por associação metonímica resulta de um raciocínio ‘abduativo’, por meio do qual o falante observa determinado

resultado no discurso, invoca uma lei (da linguagem) e infere que, a um uso posterior, pode ser aplicada essa mesma lei. A abdução tem sido reconhecida como a base da percepção humana e como o tipo de raciocínio que pode fazer gerar ideias (GONÇALVES et al., 2007, p. 48).

Esses dois processos, metáfora e metonímia, se constituem como complementares e contribuem para o desencadeamento da gramaticalização, fenômeno esse que será abordado no próximo capítulo.

1.3 Encerrando o capítulo

Como anunciado, o propósito deste capítulo foi o de apresentar os pressupostos teóricos que norteiam a nossa pesquisa, ou seja, a língua sob a ótica da corrente funcionalista: instrumento instável, que existe através de seus falantes e que permite os ajustes necessários para a comunicação efetiva. Nessa perspectiva, vimos que a mudança, enquanto processo sociocultural e cognitivo, se origina da interação verbal promovida entre os falantes, ou seja, do anseio de atender a propósitos comunicativos. No próximo capítulo trataremos de um processo de mudança específico, a gramaticalização, a qual, conforme Gonçalves et al. (2007), deve ser investigada levando em conta os padrões fluidos da língua.

CAPÍTULO 2: GRAMATICALIZAÇÃO: um processo de criatividade linguística

A gramaticalização é um dos processos responsáveis pela constante inovação do sistema linguístico. Neste capítulo, na seção 2.1 “Gramaticalização: renovação do sistema linguístico”, fazemos uma contextualização desse fenômeno, partindo de seu primeiro conceito, conferido a Meillet, que, como veremos, foi ampliado ao longo do tempo por estudiosos, como, por exemplo, Hopper e Traugott. Também apresentamos pressupostos que explicam como ocorre e o que motiva esse fenômeno de mudança linguística. Na seção 2.2 “Gramaticalização de verbos do Português Brasileiro: alguns resultados”, elencamos quatro pesquisas acerca de verbos, que são: a de Esteves (2008), sobre o verbo *dar*; a de Rassi (2008), sobre *fazer*; a de Silva L. (2009), sobre *levar*; e a de Pereira (2015), sobre *viver*. Apresentamos seus objetivos e resultados que serviram de base para a elaboração de nossas hipóteses, bem como para a construção do *continuum* de categorias que comportam o verbo *levar*, objeto de nossa pesquisa.

2.1 Gramaticalização: renovação do sistema linguístico

O primeiro conceito atribuído à gramaticalização foi apresentado por Meillet (1912), quando procurou explicar a evolução das formas gramaticais. Para ele, trata-se de um processo compreendido como “a atribuição de caráter gramatical a um elemento anteriormente autônomo” (MEILLET, 1912, p. 131, tradução nossa¹⁰), isto é, itens de valor concreto passam a assumir valores abstratos, a exemplo de verbos, adjetivos e substantivos que podem sofrer alterações, em um determinado contexto linguístico, e integrar, por isso, classes mais gramaticais, como as de preposições, de advérbios etc.

Baseando-se no conceito inicial e expandindo-o, Hopper e Traugott (1993, p. 1, tradução nossa¹¹) concebem a gramaticalização como um fenômeno de mudança linguística “compreendido como um processo através do qual, itens ou construções

¹⁰ “[...] l'attribution du caractère grammatical à un mot jadis autonome” (MEILLET, 1912, p. 131).

¹¹ “[...] concerned with such questions as how lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions or how grammatical itens develop new grammatical functions” (HOPPER; TRAUOGOTT, 1993, p. 1).

lexicais, em determinados contextos linguísticos, assumem funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”.

O termo gramaticalização é o mais recorrente para rotular esse fenômeno de mudança linguística, todavia, termos alternativos foram criados, dentre eles, *gramaticização*. Segundo Gonçalves et al. (2007, p. 19), *gramaticalização* está associado à perspectiva diacrônica, já a gramaticização, à perspectiva sincrônica “da mudança contínua de categorias e significados”.

De acordo com Hopper e Traugott, a gramaticalização pode ser estudada em ambas as perspectivas, a diacrônica e a sincrônica. Na primeira, investigam-se “as origens das formas gramaticais e os passos típicos de mudança sofridos por elas”, enquanto, na segunda, compreende-se a gramaticalização primariamente como “um fenômeno sintático, pragmático-discursivo, a ser estudado do ponto de vista dos padrões fluidos de uso da língua” (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 2, tradução nossa¹²). Além dessas duas perspectivas, uma outra possibilidade bastante difundida é a visão pancrônica, isto é, a confluência dos estudos diacrônicos e sincrônicos, pois mudanças ao longo do tempo interferem substancialmente no estágio atual da língua (BAGNO, M; CASSEB-GALVÃO, 2017).

Para explicar a progressão em que se encontram os itens que passam por mudanças, autores como Lehmann (1985) e Hopper (1991) propõem princípios que permitem compreender o estatuto gramatical de uma determinada forma que está em processo de mudança.

Lehmann explica a mudança em função do grau de autonomia que um item linguístico adquire a partir dos eixos paradigmático e sintagmático. E, para medir esse grau, o autor propõe três parâmetros: peso (*weight*), uma característica que distinga um item dos demais itens de sua classe e que lhe dará certo peso/destaque na estrutura em que for usada; coesão (*cohesion*), relação contraída entre os itens, o que diminui a autonomia do item que estiver em mudança; e variabilidade (*variability*), indicando que, quanto maior a mobilidade do item em relação aos outros, maior é a sua autonomia. Segundo Lehmann (1985), esses parâmetros podem apresentar correlação entre si, no entanto, cada um pode ser compreendido separadamente, a depender do enfoque que se quer dar à investigação.

¹² “[...] the sources of grammatical forms and the typical steps of change they undergo” e “a syntactic, discourse pragmatic phenomenon, to be studied from the point of view of fluid patterns of language use” (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 2).

Para materializar essas noções, Lehmann as associa aos aspectos paradigmáticos e sintagmáticos. O peso do signo, paradigmaticamente, é sua integridade (*integrity*), “seu tamanho substancial, tanto no lado semântico como no fonológico”, enquanto que, sintagmaticamente, é seu alcance (*scope*), ou seja, “a extensão da construção que ele entra ou ajuda a formar” (LEHMANN, 1985, p. 3, tradução nossa¹³). Elementos concretos tendem a ter um peso maior na sentença, diferentemente de elementos gramaticais.

No que tange à coesão, no eixo paradigmático, a qual é chamada de paradigmaticidade (*paradigmaticity*), o autor associa o signo ao paradigma ao qual ele se integra e passa a ser dependente; já, no eixo sintagmático, essa coesão será chamada de conexidade (*bondedness*), pois é o grau em que depende de outros signos. Logo, a coesão, seja sintagmática ou paradigmática, está atrelada à interferência de outros signos na autonomia de um determinado signo.

Quanto à variabilidade de um signo, paradigmaticamente, é a possibilidade de usar outros signos no seu lugar, ou, até, de omiti-lo completamente da sentença, ao passo que, sintagmaticamente, a variabilidade é a probabilidade de mudá-lo dentro da própria construção. Assim, a terceira noção apresentada por Lehmann trata da mobilidade do signo linguístico, seja no que concerne a ele mesmo, seja na sua relação com outros signos.

Segundo Lehmann (1985), no entanto, esses parâmetros não são suficientes para explicar outros graus da mudança. Nesse sentido, ele os dinamiza e os reformula em seis processos.

O primeiro processo é denominado de atrição (*attrition*), perda gradual de substância semântica e fonológica, também conhecida como dessemantização, quando a perda é semântica, e erosão, quando é fonológica. Já o segundo processo envolve a paradigmaticidade e pode ser chamado de paradigmaticização (*paradigmaticization*), o qual “integra construções sintáticas como formas perifrásticas em paradigmas morfológicos e leva a paradigmas cada vez menores e homogêneos” (LEHMANN, 1985, p. 4, tradução nossa¹⁴).

O terceiro processo demanda perda de variabilidade paradigmática, podendo ser chamado de obrigatoriedade (*obligatorification*). A mobilidade do signo é reduzida,

¹³ “the extent of the construction which it enters or helps to form” (LEHMANN, 1985, p. 3).

¹⁴ “integrates syntactic constructions as periphrastic forms into morphological paradigms and leads to increasingly small, homogeneous paradigms” (LEHMANN, 1985, p. 4).

e a escolha entre seus membros fica limitada por regras gramaticais. O quarto processo é denominado de condensação (*condensation*), o qual trata do encolhimento do alcance do signo linguístico, isto é, “quanto mais um sinal é gramaticalizado, menos complexos se tornam os constituintes com os quais ele pode se combinar. Também afrouxa sua predicatividade, sua capacidade de predicar” (LEHMANN, 1985, p. 4, tradução nossa¹⁵).

A coalescência (*coalescence*) é o quinto processo, que, conforme Lehmann, caracteriza a cliticização, aglutinação e fusão de formas adjacentes, onde os limites sintáticos tornam-se limites morfológicos e, finalmente, desaparecem. O sexto e último processo é a fixação (*fixation*), isto é, a perda de variabilidade sintagmática, na qual o signo linguístico gramaticalizado tende a ocupar uma posição sintática fixa e, depois, uma posição morfológica.

Hopper (1991), por sua vez, sugere outros princípios, afirmando que estes complementarão os de Lehmann. São eles: Estratificação (*Layering*), Divergência (*Divergence*), Especialização (*Specialization*), Persistência (*Persistence*) e Decategorização (*De-Categorialization*).

A Estratificação dá conta do momento em que, num domínio funcional amplo, “novas camadas estão surgindo continuamente. Quando isso acontece, as camadas mais antigas não são necessariamente descartadas, mas podem permanecer para coexistir e interagir com as camadas mais recentes” (HOPPER, 1991, p. 22, tradução nossa¹⁶). Isso quer dizer que, numa escala contínua, sem limites definidos, itens em processo de mudança se rearranjam, se ajustam quanto às novas funções, passando a conviver e se relacionar de forma gradiente com as funções já existentes. Afinal, uma nova função atribuída a uma forma “não substitui imediatamente (e talvez nunca) um conjunto já existente de formas funcionalmente equivalentes, mas sim os dois conjuntos de formas coexistem” (HOPPER, 1991, p. 23, tradução nossa¹⁷).

A Divergência explica que, mesmo que “uma forma lexical sofra gramaticalização para clítico ou afixo, a forma lexical original pode permanecer como um elemento autônomo e sofrer as mesmas mudanças como itens lexicais comuns”

¹⁵ “The more a sign is grammaticalized, the less complex become the constituents with which it can combine. It also loses its predicativity, its ability to predicate” (LEHMANN, 1985, p. 4).

¹⁶ “[...] new layers are continually emerging. As this happens, the older layers are not necessarily discarded, but may remain to coexist with and interact with the newer layers” (HOPPER, 1991, p. 22).

¹⁷ “[...] it does not immediately (and may never) replace an already existing set of functionally equivalent forms, but rather the two sets of forms co-exist” (HOPPER, 1991, p. 23).

(HOPPER, 1991, p. 22, tradução nossa¹⁸). Esse princípio correlaciona-se com o primeiro, pois ambos tratam da coexistência entre a forma-fonte e a forma gramaticalizada, entendendo que o item pode manter características da forma lexical, preservando-se enquanto elemento autônomo, e sofrer mudanças como quaisquer outros elementos lexicais. Como o próprio nome diz, trata-se da possibilidade de uma mesma forma atender a funções divergentes a depender do contexto.

A Especialização, por sua vez, compreende o estágio em que

uma variedade de formas com nuances semânticas diferentes pode ser possível, mas que, à medida que a gramaticalização ocorre, essa variedade de escolhas formais diminui e um menor número de formas selecionadas assume significados gramaticais mais gerais (HOPPER, 1991, p. 22, tradução nossa¹⁹).

Ou seja, à medida que uma forma se especializa, ela passa a ocorrer com maior frequência em um determinado contexto linguístico, pois há uma diminuição nas escolhas formais disponíveis, visto que os significados assumem maior generalidade gramatical. Também não há, necessariamente, a extinção de formas ou funções, o que há são preferências textuais baseadas em aspectos semânticos, contextos sociolinguísticos e gêneros discursivos, dentre outros fatores (HOPPER; TRAUGOTT, 1993).

A Persistência, como o próprio nome diz, indica que alguns traços da forma-fonte persistem na forma gramaticalizada, e que “detalhes de sua história lexical podem ser refletidos em restrições à sua distribuição gramatical” (HOPPER, 1991, p. 22, tradução nossa²⁰). Em outras palavras, a manutenção de traços pode ocorrer, mas, como o item está em mudança, pode haver restrições sintáticas, isto é, o item em gramaticalização pode continuar ocorrendo apenas em construções sintáticas em que já ocorria antes, mesmo que assumindo uma nova função.

Complementando, é a persistência “de formas e significados mais antigos, ao lado de formas e significados mais recentes, seja derivado de divergências da mesma

¹⁸ “[...] a lexical form undergoes grammaticalization to a clitic or affix, the original lexical form may remain as an autonomous element and undergo the same changes as ordinary lexical items” (HOPPER, 1991, p. 22).

¹⁹ “[...] a variety of forms with different semantic nuances may be possible; as grammaticalization takes place, this variety of formal choices narrows and the smaller number of forms selected assume more general grammatical meanings” (HOPPER, 1991, p. 23).

²⁰ “[...] details of its lexical history may be reflected in constraints on its grammatical distribution” (HOPPER, 1991, p. 22).

fonte ou por renovação de diferentes fontes” (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 124, tradução nossa²¹), que leva ao efeito denominado *Estratificação*. Com relação à diferença entre formas e significados antigos e os mais recentes, esses mesmos autores ainda explanam que

durante qualquer fase de coexistência há alguns contextos em que os dois (ou mais) tipos em questão envolvem uma clara diferença pragmática. Há outros contextos em que a escolha entre eles é menos clara em relação à diferença pragmática. Frequentemente achamos que uma das formas concorrentes predomina (especialização) e, eventualmente, amplia sua gama de significados para incluir os da construção que ele substitui (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 126, tradução nossa²²).

A escolha entre as formas se dará em função do contexto de uso, isto é, o falante escolherá aquela forma ou função que for mais adequada à situação comunicativa.

O último princípio, a Decategorização, explica o momento em que “formas sofrendo gramaticalização tendem a perder ou neutralizar os [seus] marcadores morfológicos e os [seus] privilégios sintáticos” (HOPPER, 1991, p. 22, tradução nossa²³) e a assumir características de outras categorias, ou seja, quando podem efetivamente mudar de classe gramatical.

Vale ressaltar que nem todos os itens que sofrem gramaticalização passam ou passarão por todos esses estágios, que, segundo Hopper (1991), não são de domínio exclusivo da gramaticalização, mas são também de outras mudanças linguísticas, que, de modo geral, não ocorrem de forma abrupta, ou seja, de uma hora para outra.

Para explicar os estágios de mudança, Hopper e Traugott (1993) adotam uma escala, denominada de *cline* ou *continuum*, uma linha imaginária que pode ter implicações tanto históricas quanto sincrônicas. Do ponto de vista diacrônico, é um caminho natural sob o qual as formas evoluem; do ponto de vista sincrônico, a linha

²¹ “[...] older forms and meanings alongside newer forms and meanings, whether derived by divergence from the same source or by renewal from different sources” (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 124).

²² “During any phase of coexistence there are some contexts in which the two (or more) types in question involve a clear pragmatic difference. There are other contexts in which the choice between them is less clear with respect to pragmatic difference. Frequently we find that one of the competing forms predominates (specialization), and eventually extends its range of meanings to include those of the construction which it replaces” (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 126).

²³ “[...] forms undergoing grammaticalization tend to lose or neutralize the morphological markers and syntactic privileges characteristics” (HOPPER, 1991, p. 22).

pode ser usada para explicar que, numa extremidade, alocam-se as formas lexicais, na outra, alocam-se as formas gramaticais.

Para Meillet (1912), esse *cline* envolve essencialmente a passagem do léxico para a gramática. Essa definição foi adotada por alguns estudiosos, a exemplo de Lehmann e Kurilowicz, que influenciaram a conceituação adotada por Heine et al. (1991, apud GONÇALVES et al., 2007, p 22), a qual compreende que a gramaticalização consiste no “crescimento dos limites de um morfema que avança de um valor lexical para um valor gramatical ou do menos para o mais gramatical, i.e., de um formante derivacional para um formante flexional”.

Hopper e Traugott (1993) também elaboram um exemplo de *cline*, que é o seguinte: item lexical de conteúdo > palavra gramatical > clítico > afixo flexional, de modo que o item da esquerda é mais lexical do que o da direita, logo, o item da direita será mais gramatical do que o item da esquerda, o que remete ao princípio da unidirecionalidade, definido como a “relação entre dois estágios A e B, tal que A ocorre antes de B, mas não vice-versa” (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 100, tradução nossa²⁴). Eles reiteram ainda que

a mudança deve ser vista sempre em termos de variação, e a fórmula para a mudança deve ser, portanto, $A > A/B > B$. Ainda assim, é preciso estabelecer que não é inevitável que A desapareça. A e B podem, em vez disso, seguir seus próprios caminhos e continuar coexistindo como reflexos divergentes de uma forma historicamente única ao longo de muitos séculos, até milênios (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 121-122, tradução nossa²⁵).

Para Martelotta (2011, p. 79-80), a unidirecionalidade é um “processo [que] tende a se dar de modo gradual, ou não instantâneo, ou seja, os elementos vão mudando de sentido, perdendo características morfossintáticas, na medida em que seu uso vai sendo estendido para novos contextos”, sendo condizente, portanto, com o *continuum* que explica a mudança por gramaticalização, visto que ela se inicia sempre a partir de um ponto +concreto e tramita para um outro ponto -concreto.

²⁴ “[...] relationship between two stages A and B, such that A occurs before B, but not vice versa” (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 100).

²⁵ “[...] change must always be seen in terms of variation, and the formula for change should therefore be $A > A/B > B$. Even so, it still needs to be stated that it is by no means inevitable that A will disappear. A and B may instead each go their own ways and continue to coexist as divergent reflexes of a historically single form over many centuries, even millennia” (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 121-122).

O princípio da unidirecionalidade, no entanto, não é aceito de forma unânime entre os estudiosos. Alguns o defendem, outros não, fato que o coloca como um dos pontos mais debatidos no que se refere à gramaticalização.

Os argumentos expostos pelos autores que são contrários a ela, segundo Heine (2003), são insuficientes, pois, (i) além de haver poucos casos que confirmem os argumentos contrários, não há exemplos de reversões completas de gramaticalização; (ii) muitos contraexemplos são idiossincráticos; (iii) casos excepcionais podem ter sofrido influência de condições sociais, psicológicas e culturais do uso da linguagem; e (iv) um outro fator possível é o contato linguístico extremo com outras línguas.

Compreender a gramaticalização como um processo de caráter unidirecional é a posição da maioria de seus estudiosos, inclusive, dos que fundamentam a nossa pesquisa, como Heine, Hopper e Traugott. De qualquer modo, se a mudança é unidirecional ou não, é fato que a gramaticalização “é vista como uma ferramenta linguística necessária para recuperar o percurso diacrônico de algumas formas linguísticas, ou que pode também ser empregada para a reconstrução interna da gramaticalidade de padrões sincrônicos” (GONÇALVES et al., 2007, p. 29).

Apresentados alguns dos princípios que explicam a gramaticalização, resta-nos pontuar o que a motiva. Hopper e Traugott (1993), por exemplo, reconhecem a gramaticalização como o resultado da contínua negociação de significado entre falantes e ouvintes no processo de interação verbal. Essa negociação de significados é mediada pelas expressões linguísticas as quais não se constituem como modelos fixos, podendo ser ajustadas conforme os fins comunicativos.

Nessa dinâmica, falantes, com o intuito de aumentarem a expressividade da sua fala e melhorarem a informatividade para os ouvintes, acionam formas e funções já conhecidas, rotineiras, e atribuem novas “roupagens”, um momento que pode desencadear ambiguidades, ou seja, em que uma mesma forma pode desempenhar mais de uma função, cabendo aos interlocutores decidirem, durante a negociação, a função efetiva da forma.

Um outro fator considerado motivador, segundo Martelotta (2011, p. 112), diz respeito à tendência de os falantes usarem “expressões novas e extravagantes”, no intuito de chamar a atenção do ouvinte, afinal formas frequentes tendem a perder

expressividade²⁶, daí a tendência de o falante procurar formas novas e, conseqüentemente, mais expressivas para atingir seus propósitos comunicativos.

Além dessas motivações, há também outros fatores que são considerados responsáveis pelos processos de mudança. Dentre eles, destaca-se a frequência de uso, indicando que um item usado com bastante frequência se torna comum tanto para os falantes quanto para os ouvintes, o que colabora para que seus usuários o usem rotineiramente, de modo automático (MARTELOTTA, 2011).

Esse uso rotineiro é uma característica notável dos itens gramaticais, pois, como afirmam Gonçalves et al (2007), quando comparada à frequência dos itens lexicais, a sua é muito maior. Todavia, Bybee (2003, apud GONÇALVES et al, 2007, p. 35) adverte que “a frequência não é resultado da gramaticalização, mas apenas uma contribuição primária para a identificação do processo”.

Assim sendo, do que foi exposto, concluímos que a gramaticalização tem elevada importância no processo de renovação das línguas, afinal, sendo a gramática um organismo maleável, é natural que as formas se ajustem a novas funções e, conseqüentemente, novos sentidos possam ser implementados, dada as necessidades cognitivas e comunicativas dos falantes. Devido à sua importância, principalmente nos últimos trinta anos, “a gramaticalização passou a ser considerada, em si própria, um (sub)campo da linguística” (GÖRSKI; TAVARES, 2017, p. 36), porque ela tem contribuído na análise de vários fenômenos linguísticos, inclusive com propostas teórico-metodológicas que têm servido de interface para outras áreas, a exemplo dos estudos sobre variação linguística, que a usam para auxiliar na compreensão de quando e como surgem formas variantes. Além disso, os

estudos sobre a gramaticalização fornecem hipóteses de ordem diacrônica a serem testadas para a explicação de padrões sincrônicos de diferenciação linguística e extralinguística de formas variantes. Esses padrões podem ser distintos porque as formas derivaram de diferentes fontes e/ou porque passaram por diferentes processos de gramaticalização. Nessa ótica, o exame do desenvolvimento histórico

²⁶ Essa ligação entre gramaticalização e expressividade já vem sendo feita desde Meillet (1912), de modo que ele atribui à gramaticalização a perda de expressividade em formas frequentemente usadas. Segundo Hopper e Traugott (1993), nem sempre essa perda é uma explicação suficiente para capturar o que acontece nesse fenômeno – o que não significa que deva ser desconsiderada. Além disso, esses autores também observam que os trabalhos em torno do processo de gramaticalização escritos na época de Meillet foram formulados enfatizando sempre déficits, como a perda, o enfraquecimento etc. – destacando um possível resíduo que equipara mudança à deterioração.

das formas variantes é imprescindível para podermos contextualizar – e explicar – a variação sincrônica (GÖRSKI; TAVARES, 2017, p. 39).

No mais, os estudos sobre gramaticalização têm permitido compreender as mudanças advindas com o tempo e as mudanças que ocorrem numa escala de uso contínuo, isto é, numa perspectiva sincrônica, que será demonstrada a seguir, a partir de pesquisas já feitas sobre verbos usados no Português Brasileiro.

2.2 Gramaticalização de verbos do Português Brasileiro: alguns resultados

Para exemplificar o processo de gramaticalização envolvendo verbos no Português Brasileiro, recorremos a quatro pesquisas. Foram elas: o verbo *dar*, por Esteves (2008); *fazer*, por Rassi (2008); *levar*, por Silva L. (2009); e *viver*, por Pereira (2015).

Esteves (2008), em sua dissertação “Construções com DAR + Sintagma Nominal: a gramaticalização desse verbo e a alternância entre perífrases verbo-nominais e predicadores simples”, realizou o mapeamento funcionalista das categorias ((semi)gramaticais ou não) a que se vinculam ocorrências de *dar*, bem como tratou da focalização dos problemas sociolinguísticos das restrições (formais e funcionais) e da avaliação subjetiva da alternância entre predicadores complexos com *dar* e predicadores simples cognatos.

Já Rassi (2008), com sua dissertação intitulada “Estatuto sintático-semântico do verbo *fazer* no português escrito do Brasil”, analisou o funcionamento e os usos do verbo *fazer* em textos escritos do português do Brasil, sob a perspectiva Léxico-Gramática e a Teoria de Valências. Além de explicar/identificar os variados usos do verbo, ela também observou a sua frequência no *corpus* escolhido: textos do Projeto Lacio-Ref, organizado e publicado pelo NILC da USP.

Silva L. (2009), por sua vez, em sua dissertação “Predicações com o verbo *levar*: aspectos relativos à multifuncionalidade e gramaticalização”, analisou, por meio de textos jornalísticos, a trajetória desse verbo, de predicador pleno a verbo-suporte ou a verbo semi-auxiliar causativo, e explicou a natureza de cada categoria dos *continua* traçados.

Por fim, Pereira (2015), no trabalho “O processo de gramaticalização de *viver*: uma perspectiva sincrônica”, mapeou e comparou os variados usos do verbo *viver*,

tanto no Português Brasileiro quanto no Europeu²⁷, averiguando em quais contextos ele ocorre como verbo pleno, verbo funcional e verbo auxiliar. Para isso, ela utilizou um *corpus* constituído por textos jornalísticos.

Em suas investigações, Esteves (2008) e Silva L. (2009) demonstram o *continuum* de gramaticalização que caracteriza os verbos *dar* e *levar*, começando de sua função +concreta, a de verbo pleno, até sua função gramaticalizada, a de verbo-suporte; o mesmo ocorre com o verbo *fazer*, pois Rassi (2008), mesmo seguindo uma teoria diferente para explicar o fenômeno, conclui que os usos desse verbo indicam um *continuum* sistemático. Tanto que a autora estabeleceu seis categorias nas quais o verbo pode estar inserido: verbo suporte, hiperverbo²⁸, verbo pleno, verbo vicário²⁹, operador-causativo e verbo constituinte de expressão cristalizada³⁰. Já Pereira (2015) estabelece apenas três categorias para explicar o *continuum* do verbo *viver*: verbo pleno, verbo funcional e verbo auxiliar.

Para exemplificar todos esses *continua*, apresentamos, a seguir, todas as funções analisadas, que nos ajudaram na compreensão do uso do verbo *levar* em nosso *corpus*. Começamos, então, pela função +concreta, a de verbo pleno, ou seja, sua função como núcleo da predicação, como ilustram (1a), (1b), (1c) e (1d).

(1) (a) aí minha irmã desmaiou dentro da loja... aí os vendedores **deram** um copo de água com açúcar pra ela [PB oral, Discurso e Gramática, Oitava série, Relato de opinião, idade: 14 anos, inf.28]³¹

(b) O artefato havia sido encontrado no Centro de Instrução de Gericinó – área controlada pelos militares – por Flávio Rodrigues da Silva, 23 anos, que o **levou** para casa, pensando em usá-lo como objeto de decoração.

²⁷ Como a nossa pesquisa trata apenas da gramaticalização de verbos no Português Brasileiro, todos os excertos retirados de Pereira (2015) e de Esteves (2008) para exemplificar as categorias do *continuum* de gramaticalização serão, também, do Português Brasileiro.

²⁸ Conforme Rassi (2008, p. 72, grifos da autora), “não há, na literatura, estudos que se refiram especificamente ao conceito de ‘hiperverbo’, mas essa nomenclatura está sendo utilizada em correlação com o termo ‘hiperônimos’, que são nomes que podem agrupar um conjunto de outros nomes que possuam predicados semânticos semelhantes”. Um exemplo dado pela autora é: “(76) [...] nunca precisei *fazer ginástica*. (RE-FI-ci-set_00)” (RASSI, 2008, p. 75, grifo da autora).

²⁹ Rassi (2008, p. 90, grifo da autora) define verbo vicário como “aquele que assume o lugar de outro, ou seja, que substitui um verbo para não repeti-lo” e entre os primeiros exemplos elencados por ela está: “(101) Ela não canta mais como *fazia* antigamente” (RE-ci-jan03_18)”.

³⁰ Desconsideramos, na nossa explanação, as categorias *hiperverbo* e *verbo vicário*, pois elas não se enquadram na nossa pesquisa.

³¹ ESTEVES, 2008, p. 106.

[PB-escrito, notícia sócio-política, Meia hora, Tragédia em Nilópolis, 28/03/2008, pg. 09]³²

(c) o aroma artificial **feito** pela indústria, imitando o da fruta, também se altera. (TESE_00)³³

(d) Hoje qualquer pessoa **vive** em qualquer lugar porque não existem mais restrições legais.³⁴

Nesses exemplos, os verbos correspondem ao núcleo da sentença, indicando que a transferência denotada pelos mesmos é de natureza concreta e os objetos direto e indireto também são concretos. Conforme Rassi (2008, p. 81), é “um verbo nocional e significativo, ou seja, [aquele que] carrega consigo uma noção ou significado que indica alguma ação, um processo, um acontecimento ou um fato”.

Vejamos também as categorias consideradas não prototípicas: (2) *verbo predicador não pleno*, (3) *verbo predicador a verbo-suporte* e (4) *verbo-suporte*³⁵.

(2) (a) Qualquer tentativa para recomeçar o processo de ratificação do mesmo texto é uma prova de força estéril que **daria** certamente maus resultados para a confiança entre os povos que terá de presidir ao aprofundamento do espaço político da UE. [PE escrito, Diário de Notícias, Artigo de Opinião, 03-04-07, Correio Perdido]³⁶

(b) Em muitas padarias, o quilo de pãozinho que custava ao redor de R\$ 8, já vendido por R\$ 8,80. Fala-se que em junho o preço vai rondar os R\$ 10. Quem comprava um quilo de pão com R\$ 8, agora **leva** menos duas unidades para o café da manhã e, no meio do ano, poderá levar menos

³² SILVA L., 2009, pp. 71-72.

³³ RASSI, 2008, p. 87.

³⁴ PEREIRA, 2015, p. 51.

³⁵ Rassi (2008) e Pereira (2015) não analisaram, respectivamente, os verbos *fazer* e *viver* como *verbo predicador não pleno* ou *verbo predicador a verbo-suporte*, por isso somente os verbos *dar* e *levar* aparecerão nos exemplos.

³⁶ ESTEVES, 2008, p. 107.

quatro pãezinhos. [PB-escrito, editorial, O Dia, Milagre dos pães, 29/04/2008, pg. 06]³⁷

Nessa categoria, de verbo predicador não pleno, os verbos permanecem como núcleo da predicação, como o são na categoria verbo predicador pleno (por isso eles representam o primeiro estágio em que o verbo está se gramaticalizando), mas, semanticamente, apresentam extensão de sentido, pois a noção de transferência e os sintagmas (objetos) que os acompanham são +abstratos.

(3) (a) (...) aquilo me **dava** assim uma tristeza de saber que ele ia ser esquecido...ia sair de circulação...minha irmã ia casar com outro... [PB oral, NURC, inq. 261, faixa C, nível 3, pág.: 128]³⁸

(b) Antes da fama, Naldo trabalhou como engraxate e vendedor ambulante. O estilo romântico **levou** a comparações com Claudinho e Buchecha, dupla que também teve fim trágico com a morte de Claudinho num acidente de carro em 2002. [PB-escrito, notícia sóciopolítica, Meia hora, Sucesso chegou em 2005, 13/07/2008, pg. 03]³⁹

Em (3), temos uma categoria híbrida, denominada de *verbo predicador a verbo-suporte*, pois o verbo pode ser interpretado tanto como *verbo predicador*, devido aos aspectos sintáticos prototípicos mantidos, quanto como *verbo-suporte*, por estabelecer uma relação sintático-semântica estrita com o elemento com o qual ele forma unidade.

(4) (a) (...) na brincadeira eu era goleiro... e depois fui jogador... depois fui zagueiro... e... e... e... e quando eu era... quando eu era jogador... eu... eu dei... eu **dei** um gol de cabeça... [PB oral, D&G, CA infantil, Narrativa recontada, idade: 7 anos, inf. 83]⁴⁰

³⁷ SILVA L., 2009, p. 72.

³⁸ ESTEVES, 2008, p. 108.

³⁹ SILVA L., 2009, p. 72.

⁴⁰ ESTEVES, 2008, p. 107.

(b) O Rivaldo gostou muito dessa idéia de ver a sua imagem associada aos Jogos Pan-Americanos. Por isso, **levamos em conta**, sim, a possibilidade de ele ir para o Botafogo – afirmou. [PB-escrito, notícias, PEUL, Extra 05-01-04, Alvinegro e cruzeiro no páreo]⁴¹

(c) A análise só pode ser **feita** com a retirada dos aminoácidos protéicos da bactéria. (RE-ci-hj_02-03)⁴²

(d) O mercado financeiro **vive** com o coração na boca nessa reta final de eleições.⁴³

Nessa categoria (4), denominada de *verbo-suporte*, os verbos apresentam-se esvaziados semanticamente, isto é, seu significado passa a ser compreendido quando ele é unido a outro elemento, e, muitas vezes, esse elemento – um sintagma nominal, por exemplo – torna-se núcleo sentencial. Vale dar destaque a (4d), pois, em sua pesquisa, Pereira (2015) estabelece que *viver*, nesse exemplo, exerce a função de verbo funcional, isto é, diferentemente das outras pesquisas, que elencaram várias categorias dentre os verbos funcionais, a autora padroniza os usos e insere-os em uma única categoria maior.

Como Esteves (2008) analisou construções com *dar* + SN, o verbo-suporte é apresentado como a última categoria do seu *continuum*. Já Silva L. (2009), Rassi (2008) e Pereira (2015) abordam todos os usos do verbo *levar*, *fazer* e *viver*, respectivamente, o que as levaram a encontrar esses verbos, também, assumindo outras funções: as de *operandum* auxiliar e verbo semi-auxiliar causativo, no caso de *levar*; e as de operador causativo e formador de expressão cristalizada, no caso de *fazer*. Pereira (2015), contudo, limitou sua análise apenas a três categorias, como já mencionado anteriormente, verificando o uso do verbo *viver*, nesse caso, também como verbo auxiliar.

Como *operandum* auxiliar, o verbo *levar* mostra-se como uma alternativa para a expressão de tempo no Português Brasileiro, enquanto que, como semi-auxiliar causativo, ele é um recurso da língua para marcar as noções de tempo,

⁴¹ SILVA L., 2009, p. 72.

⁴² RASSI, 2008, p. 47.

⁴³ PEREIRA, 2015, p. 55.

modo/modalidade e aspecto verbal, além de seu valor causativo. Observemos (5a) e (5b), exemplos de *operandum* auxiliar e semi-auxiliar causativo, respectivamente:

(5) (a) “Nunca imaginei que enterraria meu único filho. É muita tristeza para uma mãe, mas não podemos deixar que isso continue acontecendo e que surjam outros Marcelos”, disse ela, pretendendo entrar para o Movimento Rio de Paz. Zeli **levou 18 anos** para conseguir engravidar de Marcelo, único filho. [PB-escrito, notícia sócio-política, O Dia, Dor e revolta no enterro de bancário morto, 18/04/2008, pg. 09]⁴⁴

(b) Ainda que sejam apontadas razões conjunturais para essa alta, entre as quais a mais importante seria a desvalorização do dólar frente às demais moedas, tudo **leva a crer** que levará um bom tempo até que surjam condições que possibilitem um recuo mais expressivo nos preços do óleo cru. [PB-escrito, editorial, O Globo, Grandes dúvidas, 08/05/08, pg. 06]⁴⁵

Já o verbo *fazer* insere-se em uma categoria próxima a assumida pelo verbo *levar*: a de operador causativo, porque muitas vezes ele “precede algum outro verbo no infinitivo para construir uma frase com sentido causativo, ou seja, ele opera como o causador da ação proferida pelo verbo subsequente”. Uma de suas características é o fato de ele constituir um “elemento verbal único com o infinitivo que os acompanha” (RASSI, 2008, p. 96), como em (6a):

(6) (a) Aplicações estrangeiras **fazem** a bolsa **cair**. (JO-ci-jan03_17)

Assim como os verbos *levar* e *fazer*, *viver* também desempenha a função de verbo auxiliar. Vejamos o exemplo (7a), retirado de Pereira (2015):

(7) (a) Ela escrevia muito para mim, **vivia dizendo** que queria conhecer melhor o tio e o professor.⁴⁶

⁴⁴ SILVA L., 2009, p. 105.

⁴⁵ SILVA L., 2009, p. 140.

⁴⁶ PEREIRA, 2015, p. 58.

Por fim, a última categoria assumida pelo verbo *fazer* aqui elencada é a de formador de expressões cristalizadas. A tradição postula que tais expressões não podem ser compreendidas através do significado de suas partes, pois “estas construções, em sua maioria, demonstram uma invariabilidade típica de unidades lexicalizadas. Portanto, elas necessariamente fariam parte do léxico do falante” (RASSI, 2008, p. 107). O exemplo em (8a) ilustra essa categoria:

- (8) (a) [...] de Betinho, que precisava **fazer das tripas coração** para sustentar seus oito barrigudinhos. (LIT-art-li-mai13_12)⁴⁷

Após suas análises, vários fatores foram apontados pelas autoras. A propósito, Esteves (2008) verificou que o maior número de ocorrências em seu *corpus* foi da categoria de verbo-suporte (47%), seguida das categorias: verbo predicador a verbo-suporte (27%), verbo predicador não pleno (19%) e verbo predicador pleno (7%). Portanto, constatou que as categorias semi-gramatical (verbo predicador a verbo-suporte) e gramatical (verbo-suporte) são mais recorrentes do que as categorias lexicais (verbo predicador pleno ou não). E, além disso, ela observou que os fatores linguísticos que mais influenciaram na alternância entre predicadores complexos formados com dar+SN e predicadores simples foram *presença de nuance semântica* (tentativa de retratar algum sentido especial ao enunciado) e *diferença entre o número de sílabas do verbo predicador e o da perífrase* (perífrase, aqui, compreendida como a junção entre o verbo *dar* e um sintagma nominal, sendo, portanto, uma perífrase verbo-nominal).

Na pesquisa de Rassi (2008), por sua vez, ela destaca a dificuldade existente para estabelecer limites entre as classes abordadas, pois os aspectos semânticos que as separam são tênues. Todavia, ela ressalta três considerações gerais acerca do verbo *fazer*: (i) é um dos verbos mais produtivos da língua, portanto, o número de relações combinatórias que o envolvem é muito grande; (ii) a complexidade de suas estruturas sintáticas e semânticas não é abarcada pelas classificações verbais tradicionais, feitas partindo de sua regência verbal ou transitividade; e (iii) é um verbo que possui características linguísticas diferentes de todos os outros, merecendo,

⁴⁷ RASSI, 2008, p. 108.

portanto, um estatuto exclusivo. Ela ainda o defende como um recurso coesivo dentro do texto, colocando sua importância para além dos limites do texto.

Quanto à Silva L. (2009), ela constatou que o verbo *levar* se apresenta dentro de um *continuum*, partindo da sua função prototípica de verbo pleno em direção a funções gramaticalizadas ou em processo de gramaticalização. E, diferentemente da pesquisa de Esteves (2008), na qual as ocorrências de categorias gramaticais foram superiores às das categorias lexicais, *levar* ocorre da seguinte forma: é mais empregado como verbo predicador (60%), se considerados tanto os casos de uso pleno quanto os de não-pleno; e, em seguida, estão as categorias de verbo-suporte (25%), de verbo predicador a verbo suporte (7%), de semiauxiliar causativo (7%) e de operandum temporal (1%).

Da mesma forma, em Pereira (2015), o número de ocorrências da função concreta foi superior ao das funções em processo de gramaticalização, sendo 72,16% de verbo pleno, 25,08% de verbos funcionais e 2,74% de verbos auxiliares. A autora afirma que, com os resultados de sua pesquisa, é possível notar que o verbo *viver*, mesmo que usado em perífrases, não deixa de ocorrer, também, como pleno e funcional.

Em todas as pesquisas foi possível notar a extensão semântica dos verbos, afinal, todos eles assumiram funções diversificadas. Os resultados, exceto os de Rassi (2008), apontaram que os usos direcionam o *continuum* que esses verbos têm implementado: partiram de categorias mais concretas para categorias mais abstratas, confirmando o princípio da unidirecionalidade.

Portanto, é com base nesses quatro trabalhos que formulamos algumas das hipóteses testadas em nossa pesquisa, cujos resultados serão apresentados no próximo capítulo.

2.3 Finalizando o capítulo

Com este capítulo, contextualizamos o processo de gramaticalização, apresentando seus conceitos, princípios e algumas contribuições que os estudos desse fenômeno têm gerado para a compreensão desse tipo de mudança linguística. Afinal, como afirma Martelotta (2011), a gramaticalização tende a comprovar o caráter menos composicional das línguas, isto é, as construções linguísticas deixam de ser a soma dos significados das palavras que a compõem. E essa ausência de

composicionalidade, afirma o autor, é um fenômeno presente na gramática das línguas em geral, não se limitando apenas a expressões idiomáticas.

E, com a última seção, foi possível notar o percurso +concreto > +abstrato pelo qual verbos passam na rotina de uso do Português Brasileiro.

CAPÍTULO 3: OS USOS EFETIVOS DO VERBO *LEVAR* NO *CORPUS* INVESTIGADO

Neste capítulo, apresentamos os resultados de nossa pesquisa, a qual investigou os usos do verbo *levar* em um *corpus* de língua escrita do Português Brasileiro. Na seção 3.1 “Sobre o *corpus*”, justificamos a escolha de nosso *corpus*; na seção 3.2 “Nossas hipóteses e os procedimentos metodológicos adotados”, discorremos sobre nossas expectativas e sobre o caminho trilhado para que alcançássemos os nossos resultados; na seção 3.3 “O verbo *levar* em dois dicionários digitais: o Aulete e o Michaelis”, verificamos a maneira com que esse verbo é descrito e categorizado nesses dois dicionários; na seção 3.4 “Os deslizos funcionais do verbo *levar*: uma análise qualitativa”, descrevemos todo o *continuum* de gramaticalização pelo qual o verbo *levar* passa, desde a sua função plena até as funcionais e auxiliares; na seção 3.5 “Frequência de uso: uma análise quantiquantitativa”, demonstramos a frequência de uso do verbo *levar* em suas diferentes categorias, visando apurar os resultados e o que eles indicam; e, por fim, em 3.6 “Reconhecendo os princípios de Hopper nos usos do verbo *levar*”, retomamos os princípios de Hopper para reconhecê-los nos usos do verbo *levar* em nosso *corpus*.

3.1 Sobre o *corpus*

Para constituição de nosso *corpus*, decidimos investigar crônicas veiculadas no *site* Crônica do Dia, criado em 1998 e que, quase dez anos depois, em agosto de 2007, passou a ter o formato de *blog*. Inicialmente, as contribuições eram avulsas, mas agora há um grupo de cronistas fixos, os quais publicam quase que diariamente suas crônicas no *site*. Esse grupo é composto por 06 mulheres e 05 homens, de cidades variadas de três estados brasileiros – Ceará, Rio de Janeiro e São Paulo – e o Distrito Federal. Entre eles há funcionários públicos, professores, estudante de Artes Plásticas, psicóloga, jornalista, além de um bacharel em Farmácia e uma produtora de eventos; há também os que são profissionalmente escritores. Alguns alimentam outros *blogs* de crônicas, publicam em jornais e já publicaram livros⁴⁸.

⁴⁸ Informações retiradas do site: <<http://www.carladias.com/cronicadodia.htm>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

A escolha do nosso *corpus* se deu em função de as crônicas do *site* serem um arquétipo do uso efetivo da língua, ao mesmo tempo monitorada e simples. Dessa forma, através de tal *corpus*, visamos comprovar que as mudanças linguísticas estão presentes, inclusive, nos registros mais formais da língua.

3.2 Nossas hipóteses e os procedimentos metodológicos adotados

Assim como Silva L. (2009), esperamos confirmar que o verbo *levar* desempenha funções plenas e funções em processo de gramaticalização. Além de assumir a função de verbo pleno – núcleo sentencial, de transitividade direta ou transitividade direta e indireta –, também esperamos encontrá-lo desempenhando (i) a função de verbo não pleno, demonstrando que seus objetos e/ou seu movimento deixam de ser concretos e passam a denotar caráter abstrato e metafórico, e (ii) as funções mais gramaticalizadas, a de verbo-suporte – na qual o verbo está dessemantizado, de modo que o papel temático é transferido para os constituintes à sua direita – e a de verbo auxiliar, na qual ele acompanha o verbo principal e dá à sentença a noção de causalidade.

Dentre as regularidades que caracterizam as funções em processo de gramaticalização, estão: extensão semântica do verbo, movimento transferencial e sintagmas nominais +abstratos. Quanto à frequência de uso, acreditamos que as funções em mudança sejam mais recorrentes, tendo em vista a flexibilidade permitida pela gramática do Português Brasileiro.

Para alcançarmos o objetivo geral traçado, o de analisar funções sintático-semânticas assumidas pelo verbo *levar* a partir de um *continuum* de gramaticalização, nossas ações foram assim executadas:

- (i) identificar as funções exercidas pelo verbo *levar*, se plena ou não, com propriedades +concretas ou propriedades +abstratas;
- (ii) quantificar as ocorrências de cada uma das funções, com o objetivo de depreender as suas frequências de uso;
- (iii) analisar as regularidades características de cada função, o que permitirá visualizar o *continuum* e os deslizamentos funcionais do verbo;
- (iv) apontar as mudanças de cunho sintático-semântico ocorridas com as funções +gramaticalizadas;

- (v) reconhecer, a partir dos princípios de Hopper (1991), o que ocorre com cada função exercida pelo verbo.

Nessas ações, estão embutidas duas análises: uma de natureza qualitativa, tecida por meio de pressupostos teóricos que nos permitiram analisar as funções e os contextos sintático-semânticos que favoreceram cada uma delas, inclusive em suas trajetórias dentro do *continuum* de gramaticalização; e outra, de natureza quantitativa, necessária para testar a frequência de uso de cada uma das funções analisadas, um mecanismo que nos permite confirmar se o uso aponta ou não para um caso de gramaticalização.

3.3 O verbo *levar* em dois dicionários digitais: o *Aulete* e o *Michaelis*

Os dicionários, assim como as gramáticas, são pilares do nosso saber metalinguístico e auxiliam no processo de descrever e instrumentar uma língua, como afirma Auroux (1992), ao tratar da gramatização das línguas. Por isso, antes de iniciarmos a nossa análise, decidimos averiguar como o *Dicionário Aulete Digital* e o *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, o *Michaelis*, têm descrito o verbo *levar*. Escolhemos esses dois dicionários por eles estarem em constante atualização, visando sempre descrever a língua em seu uso efetivo.

O *Aulete* apresenta 32 conceitos para o verbo *levar* e 04 expressões⁴⁹ nas quais ele se apresenta; acompanhando cada um dos conceitos, está uma categorização baseada em sua transitividade; já o *Michaelis* aponta 37 conceitos e 06 expressões⁵⁰ e o classifica, em sua maioria, como um verbo transitivo direto ou transitivo indireto e indireto.

A primeira descrição, considerada a definição plena do verbo, é a seguinte:

1. No *Aulete*, “1. Fazer passar (de um lugar) para (outro); transportar [tda.: *Ele levou a poltrona para a sala*] [tda.+de, para : *Levou a estante do escritório para a sala*] [ta.: *Este ônibus leva aos subúrbios*] [tdi.+a, para: *A nova tubulação levará gás à população*]”

⁴⁹ São elas: *deixar-se levar*, *levar a bem*, *levar adiante* e *levar a mal*.

⁵⁰ Sendo elas: *leva e traz*, *levar a bem*, *levar adiante*, *levar a mal*, *levar numa boa* e *deixar-se levar*.

2. No *Michaelis*, – “vtd e vtdi. 1 Conduzir (algo, alguém) a determinado lugar; transportar: *Foi para casa levando nas costas um saco de farinha. ‘Matá-la a tiro? ... Pior! Levá-la a um passeio fora da cidade, bem longe e, no melhor da festa, atirá-la ao mar ou por um despenhadeiro [...]’* (AA1)”

Conforme essas definições, o verbo *levar*, em sua função plena, tem três transitividades: tda. – transitivo direto e adverbial; ta. – transitivo adverbial; e tdi. – transitivo direto e indireto, conforme o *Aulete*; e duas, vtd – verbo transitivo direto e vtdi – verbo transitivo direto e indireto, de acordo com o *Michaelis*. Em todos os outros conceitos apresentados, também há essa classificação baseada na transitividade, o que nos leva a concluir que é essa ainda a única forma adotada por esses dicionários para categorizar um verbo, pois, mesmo explicando outros sentidos, eles limitam as classificações aos aspectos sintáticos. Por outro lado, no que tange às expressões, ambos se restringem aos aspectos semânticos, já que não há uma classificação tipológica para elas.

3.4 Os deslizamentos funcionais do verbo *levar*: uma análise qualitativa

No período de prospecção, analisamos 264 (duzentas e sessenta e quatro) crônicas, todas publicadas no *site* Crônica do Dia no ano de 2016. Todavia, somente em 73 (setenta e três) crônicas registramos ocorrências do verbo *levar*. Em algumas, ele foi usado mais de uma vez, totalizando, assim, 89 (oitenta e nove) ocorrências.

Castilho (2014, p. 397), ao tratar da gramaticalização de verbos, afirma que “o fenômeno mais interessante [...] é sua migração de verbo pleno para verbo funcional e deste para verbo auxiliar”. Levando esse pressuposto em consideração, bem como as descrições presentes nos dicionários digitais, fazendo uma adaptação das categorizações sugeridas por Esteves (2008) e Silva L. (2009), e seguindo o *cline* sustentado por Hopper e Traugott (1993) – no qual os itens apresentados à esquerda são mais lexicais e menos gramaticalizados do que os itens à direita, descrevemos as funções do verbo *levar* assim: *verbo pleno*, *verbo não pleno* (e suas subcategorias), *verbo-suporte* (e suas subcategorias) e *verbo auxiliar*.

A primeira categoria do *continuum* de gramaticalização é a de *verbo pleno*, definido como “os que funcionam como núcleos sentenciais, selecionando argumentos e atribuindo-lhes papéis temáticos” (CASTILHO, 2014, p. 397). O verbo

levar, em sua função plena, indica a noção de “conduzir (algo, alguém) a determinado lugar; transportar”, segundo o *Michaelis*, ou “fazer passar (de um lugar) para (outro); transportar”, conforme o *Aulete*⁵¹. Nessa função, ele pode selecionar ora apenas o objeto direto ora o direto e o indireto, e ambos podem aparecer de diversas maneiras nas sentenças. Vejamos essa primeira função nos exemplos em (1)⁵²:

- (1) a) “Duas meninas pequenas foram brincar no balanço e acharam o livro. [**Levaram** *θ para os pais*], que leram o texto, riram da ideia e guardaram o livro”. (CB-26 jan)⁵³.
- b) “[...] ninguém viu [*seu corpo ser levado ao laboratório*], nem assistiu à inesquecível aula de dissecação aplicada ao dito cujo; [...]”. (ZC-08 abr).
- c) “Já comprei roupa por causa do atendimento que foi tão bom que eu não tive coragem de dizer que não **levaria nada** depois de experimentar um monte de peças!” (CB-05 jul).
- d) “Xeroquei algumas páginas desse livro, inserindo-as no de culinária que comprei pra velha fuinha. [**Levei-os** de volta à *livraria*] e pedi que os embrulhassem de presente”. (ZC-29 jul).

Nesses exemplos, o verbo *levar* manifesta suas características sintático-semânticas plenas: (i) é o núcleo da sentença; (ii) é transitivo direto; (iii) exprime a noção de movimento, podendo ser substituído pelos verbos “conduzir” ou “carregar”; e (iv) os sintagmas (objetos) selecionados por ele são de natureza +concreta. Essa categoria de *verbo pleno*, dentro do *cline* de Hopper e Traugott (1993), caracteriza-se como um *item lexical de conteúdo*.

⁵¹ Nas próximas categorias nem sempre serão apresentadas descrições de ambos os dicionários. Geralmente, escolheremos apenas a explicação, de um ou de outro, que nos auxilie melhor no desenvolvimento da análise. Apresentaremos as duas apenas quando for pertinente.

⁵² Para fins práticos, nos exemplos recortados, destacamos as estruturas que contêm o verbo *levar* com colchetes, o próprio verbo em negrito e os elementos sintáticos, particularmente os que formam unidade com ele, em itálico.

⁵³ Os exemplos serão identificados através das iniciais dos dois primeiros nomes dos autores, acompanhadas do dia e do mês em que a crônica foi publicada no *site* Crônica do Dia.

As categorias de *verbo não pleno* e a de *verbo-suporte*, diferentemente da função de *verbo pleno*, encaixam-se no que Castilho (2014) chama de verbos funcionais, pois

são os que *transferem esse papel* [temático] *aos constituintes à sua direita*, geralmente sintagmas nominais, sintagmas adjetivais, sintagmas adverbiais e sintagmas preposicionais, reduzindo-se a portadores de marcas morfológicas e especializando-se na constituição de sentenças apresentacionais, atributivas e equativas (CASTILHO, 2014, p. 397, grifo nosso).

A função de *verbo não pleno* é sintaticamente similar à função de valor pleno, todavia, semanticamente, há divergências, visto que (i) ocorre extensão semântica; (ii) a noção de movimento é +metafórica; e (iii) o sujeito e/ou os objetos diretos e/ou indiretos assumem um caráter +abstrato. Essa é a primeira categoria do *continuum* em que o processo de gramaticalização acontece e, devido às suas particularidades, dividimos em duas subcategorias: *verbo não pleno 1, com extensão metafórica determinada pelo objeto* (exemplos em 2) e *verbo não pleno 2, com extensão metafórica determinada pelo sujeito (abstrato)* (exemplos em 3):

- (2) a) “Pedro nem de longe lembra o menino arteiro e festivo de minutos antes. Cansou de [**levar o peso das coisas**]. Uma criança de dois anos não deveria ter fardo nenhum para transportar”. (WF-03 jan).
- b) “Por conta disso, [*a alcunha de ‘capital brasileira dos caixões’ é levada com orgulho pela maioria dos moradores*] que dependem da indústria”. (SG-16 jan).
- c) “Seu pai, se fosse vivo, diria que ele pegou *a sua capacidade de ser falastrão* na sala de estar de casa e [**levou para os palcos do mundo**]”. (CD-11 mai).
- d) “Uma suposta amiga me disse que eu tinha problema em gostar tanto de ler romances, que era melhor [**levar esse assunto pra terapia**]”. (MS-07 jul).

Nesses exemplos, representantes da subcategoria de *verbo não pleno 1*, o verbo *levar* denota: “guardar na mente; conservar, reter”, em (2a) e (2b), e “trazer consigo; carregar”, em (2c) e (2d). Em todos eles, o movimento expresso pelo verbo *levar* é metafórico, em função da natureza dos sintagmas objetos diretos e indiretos que são +abstratos.

- (3) a) “[*O frenesi* dessas pessoas me **leva**] ao apaziguamento que eu encontrava naquele momento com minha avó”. (CD-24 fev).
- b) “Ao descerem, juntas, [*a longa escadaria* que **levava**] ao salão, D. Volga pisou no vestido longo da desafortunada esposa de seu amante e, [...]”. (ZC-26 fev).
- c) “[...] Mas [*cada etapa* sempre os **leva para o mesmo lugar**]”. (CD-20 jan).
- d) “Depois da morte de Sr. Ziló, Despenteado ficou louco, queria colocar o casarão abaixo, estava certo de que [*aquele lugar* **levava**] embora a vida de seu avô”. (CD-29 jun).

O verbo *levar* no exemplo (3a) tem valor semântico de “impelir, conduzir (a algo); mover a”; já em (3b), (3c) e (3d), ele nos remete ao sentido de “dar acesso, conduzir (a algum lugar)”, valores determinados pelo sintagma sujeito. Conforme o dicionário *Aulete*, temos, aqui, exemplos de valor figurado.

Como já dito, a propriedade que difere a categoria de *verbo não pleno 2* das demais é a natureza do sujeito, que é de caráter +abstrato, +inanimado. Em (3a) e (3c), por exemplo, os sujeitos são “*o frenesi*” e “*cada etapa*”, respectivamente, ambos +abstratos: o primeiro representando o alvoroço de um determinado número de pessoas; e o segundo, o processo ou caminho percorrido para chegar a um determinado lugar. Já o exemplo (3b) tem um sujeito que nos dá ideia de direção, movimento: “*a longa escadaria*” indica o caminho pelo qual é possível chegar ao salão; em (3d), entretanto, o sujeito é representado por “*aquele lugar*”, que nos remete a um ambiente que interferiu na ação mencionada (levar a vida do avô de Despenteado).

A categoria seguinte, última entre as de verbos funcionais, é a de *verbo-suporte*. Ele é caracterizado, comumente, da seguinte forma: (i) também é chamado

de verbo leve; (ii) é semanticamente vazio, operando no sintagma nominal (SN) posposto a ele; (iii) transfere a função de núcleo semântico da construção para o SN; (iv) junto com o SN eles formam um “significado global” (cf. NEVES, 2000. p. 25); e (v), mesmo não tendo a mesma expressividade, costuma haver verbos plenos substitutos de tais construções.

Todavia, devido à manifestação, em nosso *corpus*, de usos que transcendem o perfil habitual de verbo-suporte, decidimos dividi-lo em duas subcategorias, assim como fizemos com a categoria de *verbo não pleno*. Propomos então: *verbo-suporte acompanhado de sintagma nominal* e *verbo-suporte em significado global com outro verbo*. Para simplificar, chamaremos o primeiro de *verbo-suporte 1* e o segundo, de *verbo-suporte 2*. Este último difere daquele em sua estrutura composicional: ao invés de formar um significado global com um SN, ele forma unidade com outro verbo. Vejamos os exemplos em (4), que ilustram a primeira subcategoria do verbo-suporte:

- (4) a) “Textos maiores [**levavam** mais *tempo*], mas eram escritos também sem esforço”. (ELJr-10 jan).
- b) “Assumira que cabia à secretária cair de paixões pelo chefe casado, e, ao chefe, [**levar** alguns *anos*] para ajeitar as circunstâncias, [...]”. (ZC-29 jan).

Além de possuírem todas as características de um *verbo-suporte*, em (4a) e em (4b), o verbo, juntamente com os elementos sintáticos que o acompanham (*tempo* e *anos*, respectivamente), denotando *significados globais*, remete à noção de tempo, tanto que pode ser substituído por verbos plenos como “demorar” e “durar”, por exemplo. No *Aulete*, esse uso tem a seguinte descrição: “despender (dado tempo) em certa ação, tarefa, atividade”; e, no *Michaelis*, “demorar certo período de tempo; fazer uso de; consumir (tratando-se de tempo)”.

Em (5), apresentamos mais alguns exemplos que ilustram o comportamento particular do *verbo-suporte 1*:

- (5) a) “Fazer o trabalho bem feito é pré-requisito pra dormir bem, pra contar piada na mesa de amigos e [**levar** a *vida* mais leve]”. (MS-17 mar).

b) “E realmente foi verdade. Se bem que dona Zezé me disse que [**levou** *um baita susto*] quando viu a pequena”. (SG-26 mar).

c) “E, por ser assim, de uma simplicidade tosca, muitos acabam por não [**levá-la a sério**]”. (SG-19 nov).

O uso de *levar* em (5a) é descrito pelo verbo *Aulete* como “ter, experimentar”, enquanto que pelo *Michaelis* é “passar a vida; viver”; em (5b), o *Aulete* o descreve, já acompanhado pelo sintagma nominal “susto”, como “tomar (susto) com algo ou alguém inesperado”; e a construção de (5c) é explicada pelo *Aulete* como “ter certa compreensão, entendimento ou comportamento em relação a (certo fato, acontecimento, atividade, ação etc.)”, e pelo *Michaelis* como “encarar algo de um determinado modo”.

Assim como em (4), o verbo em (5) também pode ser substituído por um verbo pleno: “levar a vida mais leve” por “viver”, em (5a); “levar um baita susto” por “assustar-se”, em (5b); e “levá-la a sério” por “respeitá-la”, em (5c). Todavia, defendemos que tais substituições interferem na expressividade do enunciado, visto que as construções como foram usadas, tanto em (4) quanto em (5), demonstram ter um efeito mais singular, portanto, mais pragmático do que se fossem estruturas com os verbos equivalentes.

Continuando a exemplificar o uso do *verbo-suporte 1*, apresentamos (6):

(6) a) “Mas como alguém que já morou fora, se lascou, amou, foi feliz, terminou com aquele namorado, [**levou um pé na bunda**] daquele outro, luta contra a ansiedade, [...]”. (AF-07 abr).

b) “Só que tem o espírito rebelde, de rebeldia melindrosa e bem relacionada, daquela leva de espíritos que não [**levam desaforo pra casa**]”. (CD-21 set).

Diferentemente dos casos ilustrados em (4) e (5), nas construções de (6) o verbo seleciona elementos mais fixos. Em (6a), por exemplo, temos a estrutura “levar um pé na bunda”, da qual nenhum dos elementos pode ser retirado; o mesmo acontece em (6b), pois, mesmo sendo sintaticamente similar à estrutura em que

ocorre o verbo com sua função plena (núcleo da sentença, com seleção de objetos direto e indireto), seu sentido é compreendido globalmente, junto com os outros elementos com os quais formam unidade sintática.

A propósito do verbo suporte, ratificamos o que foi defendido por Castilho, (2014, p. 410): esse tipo de verbo apresenta “uma forte solidariedade sintática com o substantivo que se segue”; além disso, “o sentido do sintagma verbal complexo deriva do conjunto formado pelo verbo-suporte + substantivo”. Acreditamos, assim como Castilho, que o “o verbo-suporte supre certas faltas no léxico da língua” (p. 410), ou seja, os falantes criam novas construções devido à ausência de léxico que atenda às suas necessidades comunicativas.

Para concluir a análise do verbo *levar* em sua função de verbo-suporte, agora em sua segunda subcategoria, *verbo-suporte 2*, selecionamos três sentenças nas quais o seu uso foge da regra em que ele deve vir acompanhado de um sintagma nominal. Aqui, como já mencionado, o significado global é formado pelo verbo “deixar” + pronome oblíquo átono + verbo “levar”, como ilustram os exemplos em (7):

- (7) a) “Uma ou outra pessoa, em raro momento, percebia o som da música e [deixava-se **levar**] pelos acordes perfeitos”. (ZC-12 ago).
- b) “Só Deus sabe o que eu sentia, uma mistura de humilhação, vergonha e tristeza. [Deixei-me **levar**] pela paixão como uma neófita qualquer”. (ZC-09 set).
- c) “O cansaço parece maior que qualquer vontade de continuar, e é aí que entendemos que quem manda é nossa cabeça, por isso temos que estar sempre com a cabeça no lugar, lembrando sempre que para ter a cabeça no lugar é preciso [se deixar **levar**], se perder de vez em quando”. (CB-06 dez).

O *Michaelis* e o *Aulete* foram novamente consultados, dessa vez para verificação do significado atribuído à construção “deixar-se levar”. Basicamente, ambos apresentam a mesma descrição, como se pode notar no quadro (1):

Quadro 1 – Definições da construção “deixar-se levar” em dicionários do Português Brasileiro.

	Michaelis	Aulete
Deixar-se levar	Permitir-se influenciar	Deixar-se enganar, iludir; deixar-se convencer ou influenciar
	Ser derrotado por, deixar-se vencer	Deixar-se vencer, desistindo de combater, ou de controlar as próprias ações

Nos dois dicionários, a construção estudada está em um espaço dedicado a expressões, no qual os usos que fogem à regra costumam ser detalhados. Com essas descrições, é possível notar que: (i) não há um verbo pleno que corresponda à construção, mantendo seu significado total; (ii) o significado de tal construção é bastante peculiar, visto que sua substituição interfere na expressividade da sentença. Dessa forma, mesmo que o *verbo-suporte 2* não atenda a todas as particularidades da categoria, é possível classificá-lo como um verbo-suporte, pois ele é vazio semanticamente, podendo seu significado ser compreendido somente através de toda a construção; afinal, assim como ocorre com o *verbo-suporte 1*, esse significado não é apreendido se os elementos forem analisados separadamente, devido à ausência de composicionalidade (MARTELOTTA, 2011).

A última categoria do *continuum* de gramaticalização é a de *verbos auxiliares*, definidos por Castilho (2014) como aqueles que

desempenham papel assemelhado ao dos verbos funcionais, *com a diferença que à sua direita ocorrem verbos plenos em forma nominal, aos que os auxiliares atribuem categorias de pessoa e número, especializando-se como indicadores de aspecto, tempo, voz e modo* (CASTILHO, 2014, p. 397).

Heine (1993) também atribui a essa categoria algumas características, das quais destacamos: i. tendem a expressar domínios nocionais como Tempo, Aspecto e Modalidade, Negação e Voz; ii. não são unidades nem visivelmente lexicais nem visivelmente gramaticais; iii. também ocorrem como verbo principal; iv. não podem ser

o principal núcleo (semântico) do predicado; v. carregam toda a informação morfológica relacionada ao predicado; e vi. a concordância do sujeito é marcada no auxiliar, não no verbo principal.

Quanto ao estudo dessa categoria em português, Pontes (1973), ao notar grande divergência entre os gramáticos a seu respeito, aplicou alguns testes nos verbos mais comuns dessa categoria e concluiu que, mesmo apresentando algumas características condizentes, não era o suficiente para serem classificados como auxiliares. Dentre todos os verbos listados, o que mais se encaixa na classe é o *ter*⁵⁴, considerado por ela o protótipo dos auxiliares.

As características de *ter* propostas pela autora são as seguintes: (i) posição fixa na sequência verbal; (ii) o particípio com o qual ele se combina é invariável, não concordando com o sujeito; (iii) quando uma sentença ativa se transforma em passiva, ele continua na mesma posição; (iv) *ter* + particípio funcionam como uma unidade, no que se refere ao Tempo; (v) a negação se refere à sequência como um todo, aparecendo apenas antes dela (da sentença); (vi) o verbo principal é quem seleciona o sujeito da oração, e não o auxiliar; e (vii) o auxiliar combina com qualquer verbo (inclusive, impessoal).

O verbo *levar*, por sua vez, também foi encontrado em nosso *corpus* exercendo a função de verbo auxiliar, embora não atendendo a todas as especificidades apontadas acima. Baseando-nos nas formulações de Pontes (1973), elaboramos, para o verbo em questão, as seguintes proposições:

- i. sua posição na sentença é fixa: ele sempre precede o verbo principal no infinitivo e, entre eles, está a preposição *a*;
- ii. diferentemente do verbo *ter*, ele sempre está acompanhado do verbo em sua forma infinitiva, isto é, invariável;
- iii. a construção verbo *levar* + preposição + verbo no infinitivo forma uma unidade; e
- iv. ele pode preceder qualquer verbo.

⁵⁴ Além do verbo *ter*, ela também destaca o verbo *haver*, porém, este é considerado, pela autora, uma variante estilística daquele, mais usado para a linguagem literária.

Para exemplificar esse comportamento – a função de auxiliar, de atribuir ao núcleo verbal da sentença a noção de causalidade –, apresentamos os exemplos abaixo:

- (8) a) “É claro que seu silêncio o [**levou a perder**] tudo o que tinha naquela época: amante, amigos, companheiros de jornada, colegas de trabalho”.
(CD-09nov)
- b) “Durante o filme, os romances e desapontamentos de ambos os afastam, colocando a intocável amizade em apuros, e [**levando-os a cultivar certos segredos**]”. (CD-20jan)
- c) “Não são questões sociais que o [**levam a pensar**] que, por mais interessante que ela seja, é um risco muito grande se relacionar com ela”.
(CD-16mar)

Num teste⁵⁵ que aplicamos, substituímos o verbo *levar* em sua função auxiliar pelos verbos “causar” e “gerar” e o verbo principal posposto a ele por um substantivo. Esse teste nos ajudou a verificar que o teor semântico da sentença se manteve, como indicam os exemplos em (8), reescritos:

- (8a*) “É claro que seu silêncio **causou/gerou a perda de** tudo o que tinha naquela época: amante, amigos, companheiros de jornada, colegas de trabalho”.
- (8b*) “Durante o filme, os romances e desapontamentos de ambos os afastam, colocando a intocável amizade em apuros, e **causando/gerando o cultivo de** certos segredos”.
- (8c*) “Não são questões sociais que **causam/geram o pensamento de** que, por mais interessante que ela seja, é um risco muito grande se relacionar com ela”.

⁵⁵ Elaboramos essas sentenças com a intenção de, através do teste de substituição e paráfrase, verificar a função de auxiliar causativo do verbo *levar*.

Esse teste, portanto, indica que o verbo *levar*, enquanto auxiliar, é usado para denotar a noção de causalidade.

Já os apontamentos de Pontes (1973) referentes à negação e à seleção do sujeito não necessariamente se aplicam ao comportamento do verbo *levar*, como testamos abaixo:

(9a) “Hoje ela consegue pensar sobre o que [a **levou a desfrutar**] disso, sem se debruçar em resposta pronta: porque você pode”. (CD-11 mai).

(9a*) “Hoje ela consegue pensar sobre o que **NÃO a levou a desfrutar** disso [...]”.

OU

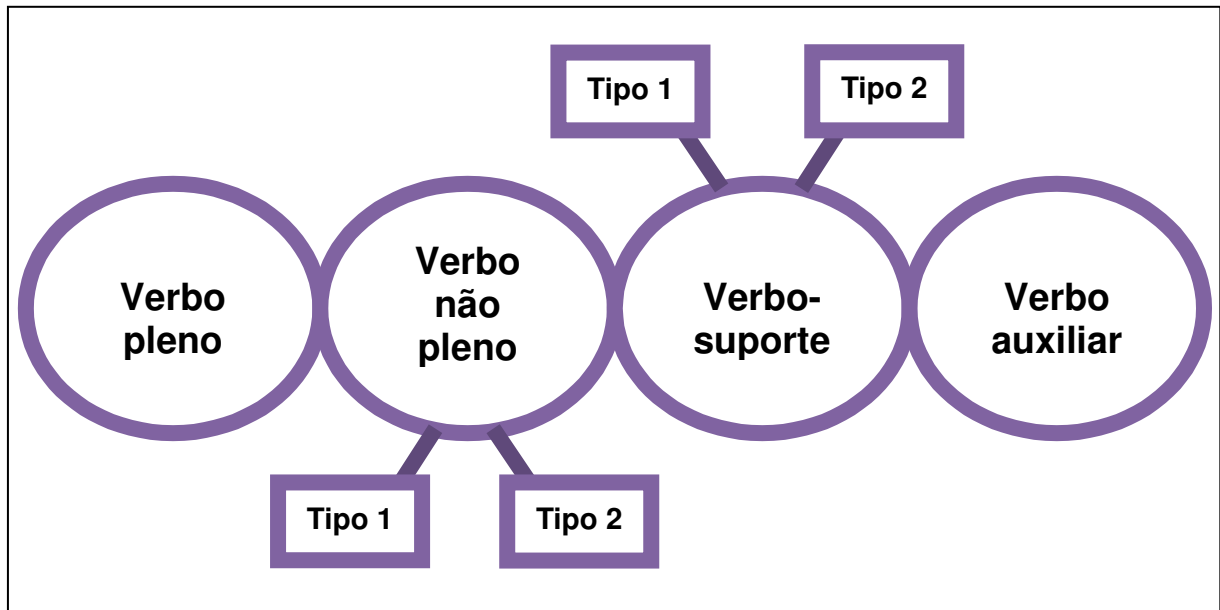
(9a**) “Hoje ela consegue pensar sobre o que a levou a **NÃO desfrutar** disso [...]”.

Ambas as sentenças são possíveis – e a posição do “não” determina qual aspecto da sentença está sendo negado –, de modo que não é correto afirmar que a negação pode/deve ser feita apenas antes da construção (verbo auxiliar + verbo principal). E no que diz respeito ao ponto (vi) (o verbo principal é quem seleciona o sujeito da oração, e não o auxiliar), por sabermos que o verbo *levar* também assume a função de verbo funcional (seja ele não pleno ou suporte), defendemos que ele não tem restrição quanto ao tipo de sujeito, pois ele pode ser +concreto ou +abstrato, como vimos na categoria de *verbo não pleno 2*.

Da descrição feita, concluímos que o verbo *levar* atende a todos os critérios propostos por Heine (1993) bem como a maioria dos apontados por Pontes (1973). No dicionário *Michaelis*, a descrição dessa função é a seguinte: “impelir (alguém) ou ser impelido a alguma ação; induzir(-se)”.

Apresentadas as funções exercidas pelo verbo *levar*, indicamos o *continuum* no quadro a seguir:

Quadro 2 – *Continuum* de gramaticalização do verbo *levar*.



Como se pode notar, num extremo, temos a função plena, no outro, a função +gramaticalizada e, no meio do percurso, as funções que indicam a trajetória da mudança. Vale destacar, também, situações em que essas funções se misturam⁵⁶, como no exemplo abaixo, em que o verbo *levar* está funcionando como verbo auxiliar e também sofre alterações advindas de seu sujeito +abstrato, isto é, segundo a nossa categorização, ele é tanto verbo auxiliar quanto verbo não pleno 2:

- (10) a) “[*As discussões sempre a levavam a alfabetizá-lo*], valendo-se da candura para abordar reprimendas”. (CD-20 abr).

Por um lado, observemos que o sujeito é +abstrato (“*as discussões*”), o que permite classificar o verbo *levar* como verbo não pleno 2, e, por outro lado, ele também assume a função de auxiliar, afinal, ele dá a noção de causalidade ao verbo “*alfabetizar*”.

Na próxima seção, verificamos a frequência de uso das funções assumidas pelo verbo *levar* em nosso *corpus*.

⁵⁶ Não consideramos esse uso (duas funções no mesmo contexto) como uma nova categoria.

3.5 Frequência de uso: uma análise quantiquantitativa

Como vimos no capítulo de fundamentação, a frequência de uso é um dos mecanismos usados para testar a gramaticalização, isto é, para indicar se um item, em processo de mudança, ocorre mais em função plena ou em suas funções em processo de gramaticalização. Por meio da Tabela 1, demonstramos, assim, a frequência de usos de cada uma das funções registradas:

Tabela 1 – Frequência de usos do *continuum* de gramaticalização.

	Verbo pleno	Verbo não pleno		Verbo-suporte		Verbo auxiliar	Total
		Tipo 1	Tipo 2	Tipo 1	Tipo 2		
Nº de ocorrências	33	9	12	28	3	4	89
Porcentagem (%)	37	10,1	13,48	31,46	3,37	4,49	100%

Como se pode perceber, de um total de 89 ocorrências com o verbo *levar*, 37% são de *verbo pleno*, um número que indica que a função plena do verbo ainda é bastante recorrente nos usos efetivos da língua, enquanto que uma das funções mais gramaticalizadas, a de *verbo-suporte em significado global com outro verbo* (a tipo 2), tem o menor número de ocorrências, totalizando 3,37%. Um dado pertinente, também, é o percentual de ocorrências da função de *verbo-suporte 1*, a de *verbo-suporte acompanhado de sintagma nominal*, 31,46%. A seguir, um exemplo de cada uma dessas funções em destaque, partindo do uso pleno até o mais gramaticalizado:

(11) a) “O pai dela já tinha avisado: nada de [**levar** cachorro da chácara para casa]! Mas ele era tão bonitinho que nem pensamos que estávamos quase matando o cachorro sufocado dentro da mochila”. (CB-09 fev).

b) “Desconfia que ele seja um mandado de seu filho, homem metido a dizer a ela como [**levar** a vida], e que ela está muito velha para andar por aí, desacompanhada”. (CD-03 ago).

c) “Só Deus sabe o que eu sentia, uma mistura de humilhação, vergonha e tristeza. [Deixei-me **levar**] pela paixão como uma neófito qualquer”. (ZC-09 set).

Esses três exemplos representam bem o *continuum* de gramaticalização do verbo *levar*, pois, em (11a), o verbo apresenta-se com todas as suas características de verbo pleno, tanto sintática quanto semanticamente; enquanto que, em (11b) e (11c), subcategorias de *verbo-suporte*, é possível notar a dessemantização do verbo, bem como seu significado global, junto ao sintagma nominal, em (11b), e junto a outro verbo, em (11c).

De todo modo, mesmo que o número de ocorrências do verbo *levar* em sua função plena seja acentuado, ao considerarmos uma nova distribuição, como a que demonstramos na tabela 2, percebemos uma frequência de uso que merece ser ponderada:

Tabela 2 – Funções: plena e em processo de gramaticalização.

	Função plena	Funções em processo de gramaticalização	Total
Nº de ocorrências	33	57	89
Porcentagem (%)	37	63	100%

Como se pode notar, nessa nova distribuição, a frequência de uso do verbo em funções não plena é muito mais recorrente, o que nos permite afirmar que esses usos evidenciam uma direção no processo de mudança por qual passa esse verbo, corroborando, assim, uma de nossas hipóteses, na qual afirmamos que as funções em mudança seriam mais recorrentes. No entanto, temos que reconhecer que os novos usos não implicam em desaparecimento da função plena, pois, para que uma nova função surja, não é necessário/obrigatório que a função antiga entre em desuso. E, para justificar isso, na próxima seção, visamos reconhecer os princípios de Hopper (1991) nas funções registradas, com o intuito de descrever os estágios por que passam esses usos.

3.6 Reconhecendo os princípios de Hopper nos usos do verbo *levar*

Conforme apresentado no segundo capítulo deste trabalho, Hopper (1991) propõe os seguintes princípios para explicar os usos dos itens linguísticos: *Estratificação*, *Divergência*, *Especialização*, *Persistência* e *Decategorização*. Procuramos, então, reconhecê-los nos contextos de usos do verbo *levar* e, para isso, selecionamos para análise quatro exemplares retirados do nosso *corpus*, um de cada categoria do *continuum*: *verbo pleno*, *verbo não pleno*, *verbo-suporte* e *verbo auxiliar*, como ilustram respectivamente os exemplos em (12):

- (12) a) “Gosto de [**levar** *uns lambaris* ainda vivos *para o barranco*], o que tem agradado tanto pescadores quando pescados”. (WF-17 jan).
- b) “Daquilo que não sei sobre você, o que me agonizaria? E [*me levaria a uma jornada*] que revelasse, não docilmente, aquilo que o inspira a desafiar a morte, agarrando-se à vida”. (CD-10 ago).
- c) “E realmente foi verdade. Se bem que dona Zezé me disse que [**levou** *um baita susto*] quando viu a pequena”. (SG-26 mar).
- d) “É claro que seu silêncio o [**levou a perder**] tudo o que tinha naquela época: amante, amigos, companheiros de jornada, colegas de trabalho”. (CD-09 nov).

A *Estratificação* indica que, num mesmo domínio funcional, uma mesma forma, *levar*, pode assumir variadas funções (*verbo pleno*, *verbo não pleno*, *verbo-suporte* e *verbo auxiliar*), indicando que a função mais antiga, no caso a plena, passa a coexistir e a relacionar-se com as novas. Assim como o primeiro princípio, que indica o uso de funções diversificadas para um mesmo item, a *Divergência* possibilita apontar os diferentes graus de gramaticalização do verbo *levar*, que, como vimos, ao assumir funções variadas no *continuum*, tem as divergências sintáticas e semânticas evidenciadas. Mesmo assim, a função original coexiste com a função gramaticalizada, mantendo suas propriedades originais, preservando-se como um item autônomo.

O terceiro princípio, a *Especialização*, indica o caráter especial que determinada função passa a ter no domínio funcional. Por exemplo, nas funções de *verbo-suporte* e de *verbo auxiliar*, o verbo e os elementos que formam unidade com ele constituem uma estrutura menos maleável do que, por exemplo, quando ele exerce a sua função plena. Ou seja, “levar um susto” e “*levar a perder*” são estruturas que só têm sentido se compreendidas nessa unidade e não em outra. Já um verbo pleno pode ser usado com diversos outros elementos, pois tem um comportamento mais maleável.

A *Persistência*, como o próprio nome já diz, indica a manutenção de aspectos sintático-semânticos prototípicos mesmo em usos mais gramaticalizados do verbo, como notamos na função de *verbo-suporte*. Isso porque posposto a ele ainda está um sintagma nominal, mesmo que de caráter +abstrato, como em (12c), com o SN “um baita susto”. Quanto à *Decategorização*, ele explica as consequentes perdas do item que se gramaticaliza. Ou seja, quando ele assume a função mais gramaticalizada, passando a ocupar o último ponto do *continuum*, ele perde seus traços originais, assumindo, assim, traços gramaticais.

Portanto, esses princípios confirmam a trajetória por qual passa o verbo *levar*: ele é usado não apenas com a função de *verbo pleno*, mas também com outras funções, como indicam os princípios da *Estratificação* e da *Divergência*. Todavia, suas características sintático-semânticas são alteradas gradualmente, conforme revela o princípio da *Especialização* e, mesmo assim, não são modificadas por completo, como indica o princípio da *Persistência*. Já, na função de *verbo auxiliar*, temos uma mudança categorial, como explica o princípio da *Decategorização*.

3.7 Concluindo o capítulo

Antes de iniciarmos a análise dos dados no nosso *corpus*, verificamos como o verbo *levar* está descrito em dois dicionários digitais, como já citado: o *Aulete* e o *Michaelis*. Nos verbetes de ambos é possível notar a multifuncionalidade do verbo em questão, pois eles trazem exemplos em que *levar* já está assumindo outras funções que não a plena, além de também elencar expressões construídas com ele.

Partindo dessa descrição, fizemos a análise qualitativa das funções exercidas pelo verbo em nosso *corpus*, cujos usos nos permitiram apontar o seguinte *continuum*: *verbo pleno* > *verbo não pleno* (e suas subcategorias) > *verbo-suporte* (e suas

subcategorias) > *verbo auxiliar*. Essa categorização não é rígida, uma vez que nem sempre é possível diferenciar claramente uma categoria da outra, pois as divergências sintático-semânticas não se enquadram perfeitamente em nenhuma categoria ou encaixam-se em mais de uma.

Com esses resultados, confirmamos uma das principais hipóteses levantadas e corroboramos com o que Silva L. (2009) já constatou: o verbo *levar* assume funções variadas, as quais podem ser representadas dentro de um *continuum* de gramaticalização, indicando que, num extremo, encontramos o verbo com sua função plena, com traços +concretos, num outro, o verbo com sua função mais gramaticalizada, a de verbo auxiliar, com traços +abstratos.

Para complementar a descrição, realizamos uma análise quantitativa, com o objetivo de indicar a frequência de uso de todas as funções. O resultado apontou que a função plena ainda foi a mais recorrente, quando as categorias são julgadas separadamente; contudo, se considerarmos, de um lado, funções plenas, e, de outro, funções em processo de gramaticalização, verificamos que as funções em mudança assumem quase 2/3 do total de ocorrências, permitindo-nos afirmar que os usos apontam para uma mudança por gramaticalização. Ainda que a mudança não se efetive, é fato que funções antigas e funções novas convivem num mesmo domínio funcional, ora com características especiais, ora mantendo propriedades comuns, conforme princípios defendidos por Hopper (1991).

CAPÍTULO 4: PRESSUPOSTOS FUNCIONALISTAS E ENSINO

Neste capítulo, destacamos alguns pressupostos funcionalistas visando enfatizar a necessidade de uma postura docente mais crítica e reflexiva nas aulas de português. Assim, na seção 4.1, “A escola atual e os avanços no ensino de língua portuguesa”, ponderamos sobre algumas contribuições dos estudos linguísticos ao ensino de língua portuguesa; e, na seção 4.2, “Uma postura reflexiva sobre o verbo *levar*”, sugerimos atividades com o verbo *levar* usado no gênero *tirinha*.

4.1 A escola atual e os avanços no ensino de língua portuguesa

Com os avanços da Linguística, muito se tem debatido sobre o ensino de Língua Portuguesa, inclusive os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais afirmam que já há – desde o período em que surgiram, em 1998 – uma tentativa, pelo menos por parte de instâncias públicas oficiais, de rever o posicionamento tradicional em torno do ensino de Língua Portuguesa, para que as práticas de ensino tenham como ponto de partida e de chegada o uso da linguagem: essas práticas devem permitir que os estudantes alcancem novas habilidades linguísticas, principalmente as associadas à escrita, sempre considerando que “as situações didáticas têm como objetivo levar os alunos a pensar sobre a linguagem para poder compreendê-la e utilizá-la apropriadamente às situações e aos propósitos definidos” (PCN, 1998, p. 19).

Pensar sobre a linguagem, como propõem os PCN, é uma ação que possibilita, por exemplo, compreender as dinâmicas funcionais das formas e das estruturas linguísticas, bem como das mudanças empreendidas, temas que, segundo Casseb-Galvão e Lima-Hernandes (2007, p. 158), requerem “uma revisão de postura por parte de todos aqueles que lidam com língua e ensino”. Essas autoras defendem que a consciência sobre os movimentos linguísticos precisa ser ampliada, que “a discussão sobre gramática deve deslocar o papel do falante, do escrevente, do redator, enfim, do usuário da língua, para um ponto de relevância, porque é ele *a mola da dinâmica gramatical*” (CASSEB-GALVÃO; LIMA-HERNANDES, 2007, p. 159, grifo nosso).

Duarte e Casseb-Galvão (2017, p. 37) têm procurado defender que o “aparato teórico funcionalista clássico contribui para o ensino na medida em que propõe um estudo de língua numa perspectiva interacionista e prima pelo seu caráter dialógico”.

Oliveira e Cesário (2007) também são autoras funcionalistas que destacam a necessidade de abordar melhor o caráter heterogêneo e dinâmico da língua, e, para lidar com isso, as autoras sugerem que o professor trabalhe com diferentes gêneros textuais, levando em conta o letramento de seus alunos. Assim como Oliveira e Cesário (2007), Casseb-Galvão e Lima-Hernandes (2007, p. 189, grifo nosso) argumentam ser “a favor de o estudante da língua materna reconhecer a instabilidade na organização funcional dos sistemas lingüísticos, especialmente, dos subsistemas em questão, a partir do estudo dos *diferentes gêneros textuais* [...]”.

Segundo Marcuschi (2002, p. 19), gêneros textuais são “fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. [...] São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa”. Logo, nada mais eficiente em sala de aula do que trabalhar textos dos mais variados gêneros e tipos textuais, registros, modalidades etc. Como afirma Antunes (2007, p. 130, grifos da autora),

o texto não é a forma prioritária de se usar a língua. É a *única forma. A forma necessária*. Não tem outra. A gramática é constitutiva do texto, e o texto é constitutivo da atividade da linguagem. Sua exploração em sala de aula tem outras razões que deixar as aulas menos monótonas e mais motivadoras. Tudo o que nos deve interessar no estudo da língua culmina com a exploração das atividades textuais e discursivas.

Afinal, a língua se constitui por meio de textos e “todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam” (PCN, 1998, p. 21). Reiterando tal proposição, Marcuschi (2002, p. 32), ao relacionar gêneros textuais e ensino, defende que, “tendo em vista que todos os textos se manifestam sempre num ou noutro gênero textual, um maior conhecimento do funcionamento dos gêneros textuais é importante tanto para a produção como para a compreensão”. E, segundo o autor, é essa ideia básica que os PCN sustentam.

Em consonância com tais orientações, elaboramos algumas atividades para contemplar o ensino do verbo *levar* tendo como ponto de partida o gênero textual *tirinha*, gênero esse que tem como uma de suas características o imbricamento de aspectos verbais e não verbais, de modo que a relação entre ambos leva à compreensão do todo.

4.2 Uma postura reflexiva sobre o verbo *levar*

O verbo *levar*, como já explicitado, é descrito tradicionalmente como um verbo pleno, transitivo direto ou direto e indireto, de noção transferencial. No entanto, assim como outros verbos, ele não assume apenas essa função, como demonstramos em nossa pesquisa. Porém, nas salas de aula, o estudo da classe de verbos é, habitualmente, limitado a tratar das noções de modo, tempo e número, além de lidar apenas com sua função plena.

Pensando em um ensino fundamentado em pressupostos funcionalistas, sugerimos, aqui, algumas atividades que visam extrapolar aspectos morfológicos. Para isso, nosso recorte são tirinhas onde o verbo *levar* aparece assumindo diferentes funções. Vejamos:

Figura 1 – Tirinha de Mafalda.



Fonte: <<https://wordsofleisure.com/2012/01/22/tirinhas-mafalda-vai-ao-teatro/>>.

Figura 2 – Tirinha do Paranoiaguda.



Fonte: <<http://www.paranoiaguda.com.br/p/tirinhas/homem-bomba-querendo-do-levar-o-terror-ao-brasil/>>.

Figura 3 – Tirinha da Turma da Mônica.



Fonte: <<http://turmadamonica.uol.com.br/tirinhasdomarcelinho/index.php?a=44>>.

Na Figura 1, o verbo *levar* está em sua função plena, acompanhado de um objeto direto (“te”, tradicionalmente classificado como pronome oblíquo átono, referindo-se à Mafalda) de natureza concreta; na Figura 2, já é possível notar uma extensão semântica, de modo que o verbo passa a ser classificado como um verbo não pleno (tipo 1), porque o objeto direto (“o terror”) que o acompanha já é +abstrato, mesmo o objeto indireto (“a outros países”) sendo concreto, o que torna o movimento +metafórico. Já na Figura 3, temos *levar* como verbo-suporte (tipo 1), formando um *significado global* com o SN (coelhada) posposto a ele.

A função exercida na Figura 1, portanto, serve para mostrarmos aos alunos características prototípicas de um verbo como núcleo sentencial, aquele que comumente é trabalhado em sala de aula. Já as outras duas funções – representantes dos usos em processo de mudança presentes em nosso *continuum* – não são recorrentes em aulas de português, o que nos faz, aqui, dar especial destaque a elas.

Como optamos por trabalhar com tirinhas, não podemos nos abster de abordar, também, os aspectos não-verbais de cada uma delas. Afinal, como afirma Pauliukonis (2016, p. 243, grifos da autora), considerando o texto como discurso, ele é o

resultado de uma operação estratégica de comunicação, produzida por um enunciador e decodificada como tal por um leitor, em três níveis: o *referencial*, que diz respeito ao conteúdo, o *situacional*, relacionado aos entornos sociais (o contexto) e o *pragmático*, referente ao processo sociointerativo. Ler torna-se, desse modo, um trabalho de desvendamento ou interpretação de operações linguístico-discursivas estrategicamente utilizadas na estruturação textual.

Logo, a intenção aqui é analisar os três níveis – o referencial, o situacional e o pragmático – bem como, ao tratar do primeiro nível, trazer as sentenças com o verbo *levar*. Começamos pelo nível situacional, com os seguintes questionamentos:

- 1) Quem escreveu a tirinha? Você o/a conhece?
- 2) Qual é o tema da tirinha?
- 3) Quem é(são) o(s) personagem(ns) principal(is)?
- 4) Qual é o contexto em que a história acontece?
- 5) Qual é a ideia principal da tirinha?

Com tais indagações, professor e alunos poderão fazer uma análise do conteúdo das tirinhas, bem como verificar as condições da situação comunicativa, como quem a escreveu, com qual (possível) finalidade, qual é o contexto etc., de modo a gerar reflexões e suposições em aula.

Partindo para a análise do nível *pragmático*, para o processo sociointerativo, é possível sugerir, junto com a turma, que as tirinhas 1 e 2 têm como contexto maior a situação política brasileira atual. Chega-se a essa conclusão após a resposta de Mafalda, na Figura 1, e a do segundo terrorista, na Figura 2. Para chegar a essa compreensão, requisita-se determinado conhecimento de mundo. A Figura 3 também exige um conhecimento amplo, mas, dessa vez, esse conhecimento é sobre a própria Turma da Mônica: é preciso saber que a Mônica tem o hábito de bater no Cebolinha com o seu coelho de pelúcia.

Em um terceiro momento, para a abordagem do nível referencial, podemos partir para a análise linguística – compreendida, aqui, como uma alternativa que se contrapõe ao ensino tradicional de gramática, visto que ela “engloba, entre outros aspectos, os estudos gramaticais, mas num paradigma diferente, na medida em que os objetivos a serem alcançados são outros” (MENDONÇA, 2006, p. 206). Logo, a proposta deve ultrapassar a aula de gramática centrada na metalinguagem e passar a usá-la (a metalinguagem) não mais como fim em si própria, mas, sim, como instrumento para desenvolvimento das habilidades de leitura e produção textual, bem como para compreensão do funcionamento da língua. Aqui, nossa intenção é desenvolver nos estudantes uma maior curiosidade sobre o funcionamento da língua para além das propostas em torno das nomenclaturas. Nosso direcionamento seria a partir dos seguintes apontamentos:

- 6) a) Observe as orações com o verbo *levar*. Quais os sentidos que você consegue depreender de cada uso do verbo?
b) Volte à tirinha 3. Qual o sentido de “levar coelhada”? Se alguém te pedisse para explicar o que significa “levar” nessa oração, como você explicaria? É possível explicar o seu significado separando-o da palavra “coelhada”?
- 7) Você consegue pensar em outras sentenças em que o verbo *levar* assume outras funções, outros sentidos? Quais?
- 8) Agora que já refletimos um pouco sobre o uso do verbo *levar*, que tal fazermos um levantamento de seus usos efetivos em outros gêneros textuais? Observação: não deixe de prestar atenção aos outros verbos também, pois eles podem assumir funções variadas! Seu papel é coletar estruturas sintáticas que demonstrem, portanto, o comportamento variado do verbo *levar* e de outros verbos da língua portuguesa!

Para tratar dos novos usos em sala de aula, não necessariamente é preciso levar novas nomenclaturas para os alunos, afinal, o objetivo não é substituir a metalinguagem tradicional por uma nova. O papel do professor é mostrar aos estudantes os usos efetivos e os sentidos que, no caso, os verbos veiculam.

Assim, como foi possível notar com a nossa amostra de exercício, a prática de análise linguística tem como unidade privilegiada todo o texto, estando centrada sempre nos efeitos de sentido dos elementos linguísticos – no caso do verbo *levar*, verificando se ele é concreto ou abstrato, se carrega todo o significado ou se faz parte de construções com significado global, se gera uma noção de movimento ou não etc., sempre em consonância com os elementos não verbais, já que estamos lidando com tirinhas – afinal, a concepção de língua, aqui, é de uma “ação interlocutiva situada, sujeita às interferências dos falantes” (MENDONÇA, 2006, p. 207). Com essa prática, o aluno é orientado a *pensar sobre a linguagem*, como sugerem os PCN (1998).

Pensar sobre a linguagem é instigar os estudantes a fazer reflexões que ultrapassem os aspectos metalinguísticos e os façam pensar a língua dentro de um contexto, notando seus interlocutores, a situação comunicativa e as condições de produção que a rodeiam. Dessa forma, as aulas podem deixar de ter como centro a gramática como produto acabado e passar a tratá-la como parte indissociável da

língua, com algumas características mais fixas e outras, mais maleáveis. Isso porque, também conforme os PCN (1998, p. 20, grifo nosso), a linguagem torna possível “o pensamento abstrato, a construção de sistemas descritivos e explicativos e a capacidade de alterá-los, reorganizá-los, substituir uns por outros. Nesse sentido, a *linguagem contém em si a fonte dialética da tradição e da mudança*”.

Assim, defendemos que, ao trabalhar com verbos, ou qualquer outra categoria gramatical, o professor deve criar condições para que seu aluno se coloque em posição de ser pensante, que reflita sobre a sua própria língua, que perceba, dentro e fora da sala de aula, as movimentações que ocorrem na rotina de uso de uma língua. Com exercícios em torno de construções com o verbo *levar*, por exemplo, como já abordado aqui, o educando poderá notar que esse verbo exerce variadas funções, as quais, muitas vezes, não são abarcadas pela gramática normativa, nem, talvez, pelos livros didáticos.

Levando em conta o *continuum* do verbo *levar* e todas as suas categorias, vale ressaltar que um estudante, para reconhecer a funcionalidade da língua, não precisa recorrer, novamente, a uma nova metalinguagem, mesmo que essa descreva melhor os novos usos. Destacamos isso porque, mesmo que seja pertinente para o professor saber uma metalinguagem fundamentada em pesquisas linguísticas – a exemplo da usada nessa pesquisa –, para o aluno o principal é desenvolver sua capacidade comunicativa. Até porque esse é um dos objetivos gerais da disciplina de língua portuguesa no ensino fundamental: “usar os conhecimentos adquiridos por meio da prática de análise lingüística para expandir sua capacidade de monitoração das possibilidades de uso da linguagem, ampliando a capacidade de análise crítica” (PCN, 1998, p. 32).

Por fim, para complementar essa discussão, apresentamos a reflexão da professora Rosa Virgínia Mattos e Silva em torno da língua e do ensino:

Entendidas assim as línguas naturais como fenômenos históricos em contínuo processo de fazer-se e refazer-se, o ensino de qualquer língua materna é um processo contínuo aberto, que tem de ter como ponto de referência básico e essencial o fato de ser o estudante o sujeito ativo fundamental e o professor, também como falante nativo da mesma língua (é essa a situação mais normal), o sujeito ativo também fundamental, e não apenas um aplicador, de metodologias e de conteúdos programáticos (SILVA R., 2004, pp. 27-28).

Logo, construir esses conhecimentos junto aos alunos, mostrando-lhes as facetas de sua própria língua – a língua usada no seu dia a dia – é uma maneira de mediá-los em direção ao desenvolvimento da sua capacidade comunicativa, enfim, do seu amadurecimento linguístico.

4.3 Finalizando o capítulo

Neste capítulo, vimos que, com as contribuições advindas dos estudos linguísticos, o ensino de língua portuguesa tem sido debatido, no sentido de rever suas práticas e pressupostos orientadores. Pensar a linguagem e refletir sobre ela são algumas das ações sugeridas para favorecer o desenvolvimento de novas habilidades linguísticas dos alunos. Visando contribuir com essas ações, sugerimos algumas atividades, asseguradas pela prática da análise linguística, para tratar usos do verbo *levar* em *tirinhas*, gênero textual escolhido para ser abordado e para ilustrar as funções e os sentidos que o verbo assume.

CONCLUSÕES

Com esta pesquisa, investigamos o comportamento multifuncional do verbo *levar* no Português Brasileiro, tendo como *corpus* crônicas publicadas no *site* Crônicas do Dia, durante os meses de janeiro a dezembro de 2016. Observando seus deslizes funcionais, elegemos as seguintes perguntas como norteadoras para o nosso percurso: quais funções exerce o verbo *levar* no *corpus* analisado? as funções indicam um *continuum* de gramaticalização?

Para responder a tais perguntas, fundamentamo-nos na corrente funcionalista, particularmente em estudiosos como Hopper e Traugott (1993), Givón (1995), Dik (1997), Neves (1997), Gonçalves et al. (2007), Castilho (2014), além de autoras que já estudaram sobre verbos no Português Brasileiro: Esteves (2008), Rassi (2008), Silva L. (2009), Pereira (2015) etc.

Com a investigação, comprovamos a hipótese de o verbo *levar* sofre deslizes funcionais, pois, além de assumir sua função de verbo pleno, ele manifesta outros comportamentos, a saber:

(i) de verbo funcional: i. como *verbo não pleno*, quando sofre suas primeiras alterações semânticas, como a noção de movimento que passa a ser +metafórica e o sujeito e/ou os objetos diretos e/ou indiretos que assumem um caráter +abstrato; e ii. como *verbo-suporte*, quando passa a ser semanticamente vazio, operando junto a um sintagma nominal ou a um outro verbo, formando, assim, um significado global;

(ii) de verbo auxiliar: quando vem anteposto a um verbo no infinitivo, atribuindo-lhe domínios nocionais de tempo, aspecto etc., não sendo, portanto, o verbo principal da sentença. Nesse caso, o verbo *levar* assume a noção de causalidade.

Dado o que foi analisado, podemos afirmar que os pressupostos funcionalistas adotados nos permitiram compreender e explicar os usos diferenciados do verbo *levar*, bem como entender a dinâmica funcional que caracteriza esses usos. Assim, destacamos: (i) na sua função plena, verbo e elementos sintáticos que o acompanham

são de natureza +concreta; (ii) a depender do contexto linguístico, os valores do verbo e dos elementos selecionados por ele também são alterados; (iii) assumir novas funções não promoveu o desuso da função plena; (iv) a frequência de uso indica um uso mais sistemático das funções em processo de gramaticalização; (v) seu *continuum* indica que as funções exercidas podem ser explicadas conforme os estágios defendidos por Hopper (1991).

Pesquisar a multifuncionalidade de verbos, uma das classes gramaticais mais estudadas nas aulas de português, e notar que seu uso extrapola o que lhe é comumente atribuído, é uma maneira de contribuir para a reflexão em torno da língua e levantar questionamentos acerca do seu ensino. Afinal, analisar a mudança linguística e reconhecê-la como uma característica intrínseca a todas as línguas é pertinente para que tenhamos um olhar mais flexível e crítico no e para o exercício docente.

Concluimos, também, ser possível trabalhar com a multifuncionalidade do verbo *levar* em textos veiculados em diferentes gêneros textuais, de modo que optamos pelo gênero *tirinha*. Como defendem os PCN e os mais diversos estudos funcionalistas, o texto é a opção mais plausível para que as aulas de língua portuguesa alcancem seu objetivo: o de desenvolver as habilidades comunicativas dos estudantes.

Muito ainda pode ser pesquisado acerca dos deslizes funcionais do verbo *levar*, a exemplo das informações relativas à ideia de movimento de condução ou transferência, inclusive quando promovida por outros verbos (como *conduzir*, *passar*, *transportar*, entre outros). É possível, também, explorar a temática sob um recorte diacrônico, contrapondo contextos primários com contextos atípicos (como a ambiguidade) antes dos contextos mais evidentes de gramaticalização... É isso, uma pesquisa em torno de deslizes funcionais abre espaço para várias outras!

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ANDRADE, C. D. de. Procura da poesia. In: ANDRADE, C. D. de. **Antologia poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 218-220.

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas/SP: UNICAMP, 1992.

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola editorial, 2012.

BAGNO, M; CASSEB-GALVÃO, V. C. Mudança linguística: fenômeno sociocognitivo de base funcional. In: BAGNO, M; CASSEB-GALVÃO, V. C.; RESENDE, T. F. (Orgs.) **Dinâmicas funcionais da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017, p. 09-33.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2018.

BYBEE, J. **Language change**. Cambridge: Cambridge Press, 2015.

CASSEB-GALVÃO, V. C.; LIMA-HERNANDES, M. C. Gramaticalização e ensino. In: GONÇALVES, S. C. L. et al. (Orgs.). **Introdução à gramaticalização**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 157-195.

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. Funcionalismo e gramáticas do Português Brasileiro. In: SOUZA, E. R. de (Org.). **Funcionalismo linguístico**: novas tendências teóricas. São Paulo: Contexto, 2012, p. 17-38.

CRÔNICA DO DIA. 2016. Disponível em: <<http://www.cronicadodia.com.br/2016/>>. Acesso em: 02 jan. 2018.

CUNHA, M. A. F. da; COSTA M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Linguística funcional**: teoria e prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 21-48.

DIK, S. **The Theory of Functional Grammar**. 2 vols. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997 [1989].

DUARTE, M. da C; CASSEB-GALVÃO, V. C. Funcionalismo clássico aplicado ao ensino. In: CASSEB-GALVÃO, V; NEVES, M. H. de M. **O todo da língua: teoria e prática do ensino de português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017, p. 35-57.

ESTEVES, G. A. T. **Construções com dar + Sintagma Nominal: a gramaticalização desse verbo e a alternância entre perífrases verbo-nominais e predicadores simples**. 2008. 334 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, UFRJ, 2008.

GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**. Amsterdã: John Benjamins, 1995.

GONÇALVES, S. C. L. et al. (Orgs.). **Introdução à gramaticalização**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GÖRSKI, E. M.; TAVARES, M. A. O objeto de estudo na interface variação-gramaticalização. In: BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V.; REZENDE, T. F. **Dinâmicas funcionais da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017. p. 35-63.

HEINE, B. **Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization**. Oxford University Press, New York, 1993.

_____. Grammaticalization. In: JOSEPH, B. D., JANDA, R. D. **The Handbook of Historical Linguistics**. Malden, MA: Blackwell Pub, 2003, p. 575-601.

HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOPPER, P. On Some Principles of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (orgs.). **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-36.

LEHMANN, C. Grammaticalization: synchronic variation and diachronic change. In: **Lingua e Stile** 20(3): 303-318. 1985.

LEVAR. In: **MICHAELIS Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos Ltda., 2015. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=levar>>. Acesso em: 02 jan. 2018.

LEVAR. In: **AULETE DIGITAL: o dicionário da língua portuguesa na internet**. Lexikon Editora Digital, 2017. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/levar>>. Acesso em: 02 jan. 2018.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso.** São Paulo: Cortez, 2011.

_____. A mudança linguística. In: CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. **Linguística funcional: teoria e prática.** São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 49-62.

MARTELOTTA, M. E.; KENEDY, E. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. **Linguística funcional: teoria e prática.** São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 11-20.

MEILLET, A. L'évolution des formes grammaticales. In: **Linguistique historique et linguistique générale.** Paris: Champion. 1948 [1912].

MENDONÇA, M. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: **Português no ensino médio e formação do professor.** BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (orgs.). São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 199-226.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística Variacionista.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2003, p. 9-14.

NEVES, M. H. de M., **A gramática funcional.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Gramática de usos do português.** São Paulo: UNESP, 2000.

NEVES, M. H. de M., CASSEB-GALVÃO, V. C. (Orgs.). **Gramáticas contemporâneas do português: com a palavra, os autores.** 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

OLIVEIRA, M. R. de; CEZARIO, M. M. PCN à luz do funcionalismo linguístico. **Linguagem & Ensino**, v. 10, n. 1, p. 87-108, jan./jun. 2007.

PAGOTTO, E. G. Norma e condescendência; ciência e pureza. In: **Línguas e instrumentos linguísticos.** n. 2, 1998, p. 49-68.

PAULIUKONIS, M. A. Texto e contexto. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (orgs.). **Ensino de gramática: descrição e uso.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 239-258.

PEREIRA, L. M. **O processo de gramaticalização de viver: uma perspectiva sincrônica.** 2015. 150f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2015.

PONTES, E. **Verbos auxiliares em português.** Petrópolis, Vozes, 1973.

RASSI, A. P. **Estatuto sintático-semântico do verbo fazer no português escrito do Brasil**. 2008. 125f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, L. V. DA P. E. **Predicações com o verbo levar: aspectos relativos à multifuncionalidade e gramaticalização**. 2009. 163 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Faculdade de Letras da UFRJ, 2009.

SILVA, R. V. M. e. **O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Tradição gramatical e gramática tradicional**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1996.

TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (orgs.). **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

APÊNDICE – *Corpus*: site “Crônicas do Dia” (meses janeiro a dezembro/2016)

	Data de publicação	Título da crônica	Trecho em que há ocorrência(s) do verbo analisado	Nº de ocorrências	Categorias do <i>continuum</i> de gramaticalização
1	03/jan	A Última Pescaria do Ano, Whisner Fraga	“Pedro nem de longe lembra o menino arteiro e festivo de minutos antes. Cansou de [levar o peso das coisas] . Uma criança de dois anos não deveria ter fardo nenhum para transportar”.	01	Verbo não pleno 1
2	10/jan	Repouso Eterno Para um Sonho?, Eduardo Loureiro Jr.	“Textos maiores [levavam mais tempo] , mas eram escritos também sem esforço”.	01	Verbo-suporte
3	11/jan	Babá dos Beatles, Albir José Inácio da Silva	“Acostumado a trabalhos pesados e ameaças de patrões, ele estava no céu com o novo emprego — quatro cãezinhos fofinhos que dormiam na cama da dona. [Levava-os a passear] duas vezes por dia, munido de sacos plásticos e garrafas de água”. “Não podia dizer que nada o incomodava naquela história. Ele comprava ração, remédios, xampus, [levava [o cachorro] para consultas, banho e tosa no ‘pediatra’] — como dizia Dona Honorina — e sabia o preço de tudo”.	02	Verbo pleno Verbo pleno
4	13/jan	Enredador, Carla Dias	“São essas pessoas que mais lhe atraem a atenção. Observá-las é como requintar sua habilidade, já tão afiada, de [levá-las aonde ele deseja] ”.	01	Verbo pleno
5	16/jan	Capitais, Sergio Geia	“Por conta disso, [a alcunha de ‘capital brasileira dos caixões’ é levada com orgulho pela maioria dos moradores] que dependem da indústria”.	01	Verbo não pleno 1
6	17/jan	Outra Pescaria, Whisner Fraga	“Gosto de [levar uns lambaris ainda vivos para o barranco] , o que tem agradado tanto pescadores quando pescados”.	01	Verbo pleno
7	20/jan	Mais Indicações de Filmes, Carla Dias	“Durante o filme, os romances e desapontamentos de ambos os afastam, colocando a intocável amizade em apuros, e [levando-os a cultivar certos segredos] . Mas cada etapa sempre os leva para o mesmo lugar ”.	02	Verbo auxiliar Verbo não pleno 2
8	26/jan	Meus Dias de Pink e Cérebro, Clara Braga	“Duas meninas pequenas foram brincar no balanço e acharam o livro. [Levaram [o livro] para os pais] , que leram o texto, riram da ideia e guardaram o livro”.	01	Verbo pleno
9	29/jan	A Secretária (1ª Parte), Zoraya Cesar	“Assumira que cabia à secretária cair de paixões pelo chefe casado, e, ao chefe, [levar alguns anos] para ajeitar as circunstâncias, [...]”.	01	Verbo-suporte
10	31/jan	Helenices, Whisner Fraga	“Ela cutuca o creme e [leva a ponta do indicador à boca] ”.	01	Verbo pleno
11	09/fev	Dia do Amigo, Clara Braga	“O pai dela já tinha avisado: nada de [levar cachorro da chácara para casa] !”	03	Verbo pleno

			<p>Mas ele era tão bonitinho que nem pensamos que estávamos quase matando o cachorro sufocado dentro da mochila. Quando chegamos em casa foi só o tempo de dar uma água para o cachorro, levar uma bronca e voltar para a chácara para deixar o bichinho lá”.</p> <p>“Uma vez [levamos bronca] do porteiro do prédio também, já que toda data comemorativa a gente gostava de colar mensagens de feliz ano novo ou feliz páscoa com papel e durex na parede branquinha”.</p>		<p>Verbo-suporte</p> <p>Verbo-suporte</p>
12	13/fev	Vizinhos, Sergio Geia	“O que queria mesmo era poder se retirar nos finais de semana. [Levar a família], a criançada, estender rede, dormir ao som dos bichos”.	01	Verbo pleno
13	24/fev	Caçadora de Lambris, Carla Dias	“[O <i>frenesi</i> dessas pessoas <i>me leva ao apaziguamento</i>] que eu encontrava naquele momento com minha avó”.	01	Verbo não pleno 2
14	25/fev	Farinha Pouca, Meu Pirão Primeiro, Analu Faria	“Somos o maior país católico do mundo. Era de se esperar que fôssemos solidários, compassivos, abnegados. Não somos. Gostamos de [levar vantagem] em tudo (ou quase tudo)”.	01	Verbo-suporte
15	26/fev	A Secretária (Final), Zoraya Cesar	“Ao descerem, juntas, [a longa <i>escadaria</i> que levava ao salão], D. Volga pisou no vestido longo da desafortunada esposa de seu amante e, [...]”.	01	Verbo não pleno 2
16	27/fev	Manuel e Francisca, Sergio Geia	“Um dia, Francisca, já cansada da lentidão de Manuel, inventou uma desculpa de que seu carro estava com problemas. Manuel prontamente a socorreu. [Levou-a até um mecânico em Torres Novas], conhecido como Variante do Bom Amor. Depois, foram beber na Sá de Miranda e, quando a bebida já produzia um barato legal, ela beijou Manuel”.	01	Verbo pleno
17	16/mar	Garotos, Carla Dias	“Não são questões sociais que o [levam a pensar] que, por mais interessante que ela seja, é um risco muito grande se relacionar com ela”.	01	Verbo auxiliar
18	17/mar	Gastrite Nível: Engoli Brasília, Mariana Scherma	“Fazer o trabalho bem feito é pré-requisito pra dormir bem, pra contar piada na mesa de amigos e [levar a vida mais leve]”.	01	Verbo-suporte
19	26/mar	A Tartaruga, Sergio Geia	“E realmente foi verdade. Se bem que dona Zezé me disse que [levou um baita susto] quando viu a pequena”.	01	Verbo-suporte
20	30/mar	O Teorizador, Carla Dias	“Lá, ele [levará uma vida eremita], tamanha vergonha por ter se permitido perder talento tão caprichoso”.	01	Verbo-suporte
21	04/abr	Auto da Repetição, Albir José Inácio Da Silva	“— Basta! [Levem-no ao Tribunal]”.	01	Verbo pleno
22	07/abr	Histórias, Analu Faria	“Mas como alguém que já morou fora, se lascou, amou, foi feliz, terminou com aquele namorado, [levou um pé na bunda] daquele outro, luta contra a ansiedade, [...]”.	01	Verbo-suporte

23	08/abr	Por um Esqueleto Apenas, Zoraya Cesar	“[...] ninguém viu [<i>seu corpo ser levado ao laboratório</i>], nem assistiu à inesquecível aula de dissecação aplicada ao dito cujo; [...]”.	01	Verbo pleno
24	11/abr	Poker na Escola, André Ferrer	“[<i>A polarização da sociedade em relação à política tem levado grupos e indivíduos ao embate</i>]”.	01	Verbo não pleno 2
25	20/abr	Boletim: Amo, Carla Dias	“[<i>As discussões sempre a levavam a alfabetizá-lo</i>], valendo-se da candura para abordar reprimendas”.	01	Verbo não pleno 2 / Verbo auxiliar
26	21/abr	Peregrinação, Analu Faria	“Era só alguém me contar sobre o quão interessante era o culto/sessão/reunião do lugar, que meu coração pisciano se sentia atraído e [<i>levava meu corpo e mente para o templo/casa/salão etc.</i>]”.	01	Verbo não pleno 2
27	22/abr	A Aventura Inflável do Dr. Márcio, Zoraya Cesar	“Na segunda-feira, [<i>levou o atestado médico ao escritório</i>]. Preparara uma história mirabolante para explicar o acidente, mas perdeu tempo. O cunhado ligara antes, contando todo o episódio, às gargalhadas”.	01	Verbo pleno
28	23/abr	O Saxofonista, Sergio Geia	“No que assenti: ‘De fato, somos carentes de cultura. E música clássica nos bairros, não haveria de ter projeto melhor; um projeto valioso e, acredito, de custo baixo. Por que não [<i>levar Chopin, Beethoven, Tchaikovsky, Johann Strauss, Vivaldi, ou mesmo artistas populares como Elton John ou Dire Straits até os confins do glorioso Belém, da Gurilândia, do Barreiro, da Estiva</i>], na melodia arrastada de um exímio saxofonista?’”.	01	Verbo pleno
29	11/mai	Distrações 3 de 3 Eles, Carla Dias	“Seu pai, se fosse vivo, diria que ele pegou a sua [<i>capacidade de ser falastrão na sala de estar de casa e levou para os palcos do mundo</i>]”.	02	Verbo não pleno 1
			“Hoje ela consegue pensar sobre o que [<i>a levou a desfrutar</i>] disso, sem se debruçar em resposta pronta: porque você pode”.		Verbo auxiliar
30	18/mai	Mais Simples, Carla Dias	“Tenho tentado [<i>levar a vida com mais simplicidade</i>]”.	02	Verbo-suporte
			“A partir do momento em que compreendemos que [<i>levamos uma vida mais simples</i>] traz complicações como prefácio, passamos por isso com um pouco mais de gentileza e graça”.		Verbo-suporte
31	20/mai	A Boa Sogra, Zoraya Cesar	“E disse, sem meios rodeios ou palavras cantadas que, em breve, daria entrada nos papéis de separação. Que era hora de D. Cotinha voltar [<i>para casa, levando o filho</i>]”.	01	Verbo pleno
32	23/mai	Um Outono Catarinense, André Ferrer	“Um minuto depois, Luís Bernardo reconheceu a voz de Chris. O garoto, logo cedo, [<i>levava uma descompostura</i>]”.	01	Verbo não pleno 1
33	25/mai	Sala Escura, Carla Dias	“Houvesse coragem em mim capaz de manter em curso a beleza de quem ela é, assim, da forma como essa beleza a assola, quando na sua sala escura, eu rezaria aos santos e piscaria aos demônios, depois a tiraria de lá e [<i>a</i> ”.	01	Verbo pleno

			levaria para, junto a mim, <i>perder-se por aí</i> ”.		
34	28/mai	Sobre Fazer Café E Meditar, Cristiana Moura	“Há de pensar com a força exata o café já moído. Só então [levá-lo à máquina] e continuar o passo a passo”.	01	Verbo pleno
35	04/jun	Tartaruga Marinha, Sergi o Geia	“A pobre criaturinha, frágil como uma pétala, solitária como um viajante, sem mãe nem pai, nem irmãos, que na certa, à noite, já tinham puxado o carro, andava claudicante em busca de seu destino. Num certo momento ela parou, feito onça-pintada quando enxerga a presa e não quer assustá-la. Ficamos ali esperando pra ver o que acontecia. Depois de alguns minutos, não tive dúvidas: peguei-a, [leve-a [a tartaruga] ao mar] , porém, já era tarde”.	01	Verbo pleno
36	25/jun	Inventando o Amor, Cristiana Moura	“Para ela estou a escrever dez contos. Ela me encanta. [Leva uma vida sem graça] , sem sabor e num dado momento, como quem se dá conta de ser motorista da própria vida ela decide mudar e, a partir do desejo de novidade acontecerão os contos para Joaquina”.	01	Verbo-suporte
37	29/jun	As Janelas Vermelhas de Califórnia, Carla Dias	“Depois da morte de Sr. Ziló, Despenteado ficou louco, queria colocar o casarão abaixo, estava certo de que [aquele lugar levará] embora a vida de seu avô”.	01	Verbo não pleno 2
38	05/jul	Eu Já, Eu Nunca, Clara Braga	“Já comprei roupa por causa do atendimento que foi tão bom que eu não tive coragem de dizer que não [levaria nada] [nenhuma roupa] depois de experimentar um monte de peças!”	01	Verbo pleno
39	06/jul	O Bom Ouvinte, Carla Dias	“Não é de falar muito ou de sair de casa. Ainda assim, aprendeu um ofício e se tornou mestre na sua profissão. Saiu cedo da casa dos pais, comprou um bom apartamento, [leva uma vida] cercada por prazeres que cultivou], como aprender a tocar um instrumento, o violino”.	01	Verbo-suporte
40	07/jul	Caso de Terapia que é um Caso de Amor, Mariana Scherma	“Uma suposta amiga me disse que eu tinha problema em gostar tanto de ler romances, que era melhor [levar esse assunto pra terapia] ”.	01	Verbo não pleno 1
41	15/jul	O Clube dos Proscritos – 2ª e Última Parte, Zoraya Cesar	“Chamou o garçom, pediu-lhe que [levasse o corpo embora] e lhe trouxesse mais uma dose de ouzo. Com limão, por favor”.	01	Verbo pleno
42	19/jul	Para os Braga de Oliveira e Para os Silva, Clara Braga	“O que não quer dizer nada, pois apesar de não verbalizar, minha família aguentou 7 anos de apresentações de ballet clássico sem gostar, se enfiaram em locais terríveis para que eu pudesse assistir a shows que eu queria ver, depois se enfiaram em locais ainda mais cheios e apertados para me ver tocar, [me levaram para viajar para locais que eu queria] , deixaram eu escolher a profissão que eu achava que me faria feliz, [...]”.	01	Verbo pleno
43	29/jul	Esperto Metido a	“Xeroquei algumas páginas desse livro, inserindo-as no de culinária que comprei	01	

		Engraçadinho, Zoraya Cesar	pra velha fuinha. [Levei-os de volta à <i>livraria</i>] e pedi que os embrulhassem de presente”.		Verbo pleno
44	03/ago	Aquela Senhora, João, Queijo Branco e Morte, Carla Dias	“Desconfia que ele seja um mandado de seu filho, homem metido a dizer a ela como [levar a vida], e que ela está muito velha para andar por aí, desacompanhada”.	01	Verbo-suporte
45	10/ago	Particularidades de uma Benquerença Sendo Construída, Carla Dias	“Daquilo que não sei sobre você, o que me agonizaria? E [<i>me levaria a uma jornada</i>] que revelasse, não docilmente, aquilo que o inspira a desafiar a morte, agarrando-se à vida”.	01	Verbo não pleno 2
46	12/ago	A Solidão do Pianista, Zoraya Cesar	“Uma ou outra pessoa, em raro momento, percebia o som da música e [<i>deixava-se levar</i>] pelos acordes perfeitos”. “A mulher sempre ameaçando deixá-lo pelo amante, o jornalista - esse sim, tinha um emprego decente -, sempre ameaçando mas nunca [levado a cabo]”.	02	Verbo-suporte Verbo-suporte
47	17/ago	Robert de Niro: Levando a Vida Dando Vida Aos Personagens, Carla Dias	TÍTULO: “ROBERT DE NIRO: [LEVANDO A VIDA] DANDO VIDA AOS PERSONAGENS”	01	Verbo-suporte
48	20/ago	O Último Pedaco (Para Maria), Cristiana Moura	“Foi para festa e dançou, dançou, dançou ao som dos batuques da praça e [<i>levada pelos ventos de agosto</i>]”.	01	Verbo não pleno 1
49	26/ago	Javelin - Lançamento de Dardos, Zoraya Cesar	“E sempre [levou no coração a cena final], o guerreiro voltando para casa a correr, compassado, majestoso, quilômetros a fio, sem se cansar, livre”.	01	Verbo não pleno 1
50	09/set	Parênteses, Zoraya Cesar	“Não [levo homens para dormir <i>em minha casa</i>] antes de levantar algumas informações – gosto de saber com quem estou saindo”. “Só Deus sabe o que eu sentia, uma mistura de humilhação, vergonha e tristeza. [<i>Deixei-me levar</i>] pela paixão como uma neófito qualquer”.	02	Verbo pleno Verbo-suporte
51	15/set	O Zeitgeist Pirou, Mariana Scherma	“Para essa semana, eu vou deixar de ser esponja de problema. Vou seguir fazendo o meu melhor, mas não vou [levar problema de um lugar para o outro]”.	01	Verbo não pleno 1
52	21/set	Protagonista, Carla Dias	“Só que tem o espírito rebelde, de rebeldia melindrosa e bem relacionada, daquela leva de espíritos que não [levam desaforo pra casa]”.	01	Verbo-suporte
53	27/set	Quem é Bom?, Clara Braga	“Em um outro local de trabalho, aquele cara [leva uma bronca], afinal, como ele não consegue seguir o exemplo do seu outro colega?”	01	Verbo-suporte
54	16/out	Traga Seu Próprio Livro, O Jogo,	“Então fica a dica lúdico-literária: junte sua turma, [levem seus livros], definam seus próprios assuntos e divirtam-se lendo”.	01	Verbo pleno

		Eduardo Loureiro Jr.			
55	19/out	Uma História Qualquer, Carla Dias	“Por causa dessa conversa fiada no interesse dele pelo terreno, casada à alegação de que ela está velha, Norma tem de fazer acompanhamento com uma psicóloga, a pessoa que se tornou responsável por - uma vez por semana - confirmar se ela é capaz de continuar a [levar a vida] nos seus termos”.	01	Verbo-suporte
56	26/out	Sujeitos, Carla Dias	“É fato que nunca foi de escolhas radicais. [Leva] uma <i>vida</i> simples], porque é sujeito simples, e não vê nada de ruim nisso”. “Veja bem, ele é sujeito simples no trato com a vida, mas isso não significa que seu desejo seja [levá-la] de forma asséptica], evitando problemas e, claro, experiências”.	02	Verbo-suporte Verbo-suporte
57	31/out	Máguino II, Albir José Inácio da Silva	“E fazia isso vestindo roupas de marca, que comprava na mesma loja em que várias vezes [levou os Labac] ”.	01	Verbo pleno
58	04/nov	Sinais Desencontrados, Zoraya Cesar	“Quando nos demos conta que até mesmo os de D. Crisálida, que viviam presos dentro de casa, desapareceram, criamos um acordo tácito de não tocar no assunto, não [levar ao noticiário] , nada”. “Mesmo assim, achei que seria rude ignorar pedido tão educado e, à noite, [leve] <i>pão e leite para casa]”.</i>	02	Verbo-suporte Verbo pleno
59	05/nov	Cafezinho Literário, Sergio Geia	“O Geia não [levou Cortázar, nem Shakespeare] ; [levou os seus Vizinhos] , crônica muito simples e absolutamente verdadeira, fato corriqueiro que deve acontecer com qualquer bom cidadão”.	02	Verbo pleno Verbo pleno
60	09/nov	Acusado, Carla Dias	“É claro que seu silêncio o [levou a perder] tudo o que tinha naquela época: amante, amigos, companheiros de jornada, colegas de trabalho”.	01	Verbo auxiliar
61	16/nov	Casa de Chá, Carla Dias	“Sabe pouco sobre a vida. Surpreende-se com ela frequentemente. Acreditava ter nascido com defeito. Depois, que tivesse entendido tudo errado. Então, compreendeu que [leva tempo] ”. “Viver [leva tempo] ”.	02	Verbo-suporte Verbo-suporte
62	19/nov	Meditação, Sergio Geia	“Segundo o senhor Pierre, a prática efetivamente se resume ao ato de sempre voltar ao ponto inicial quando [pensamentos nos levam para outro lugar] . E, por ser assim, de uma simplicidade tosca, muitos acabam por não [levá-la a sério] ”.	02	Verbo não pleno 2 Verbo-suporte
63	22/nov	15 Anos Depois, Clara Braga	“No momento em que anunciaram o show na minha cidade [eu fui automaticamente levada de volta para 2001] ”.	01	Verbo não pleno 2
64	23/nov	Naquela Sala, Eu Entendi., Carla Dias	“O avô se levanta, [levando o tempo] oferecido pela idade e pela saúde precária. Então, junta-se aos outros”.	01	Verbo-suporte
65	24/nov	Comer pra Lembrar,	“A única coisa que minha mãe não fazia era café. Eu, com uns cinco anos ou menos, não sei, comecei a fazer minha	02	Verbo pleno

		Mariana Scherma	mãe [<i>me levar na vó Ana</i>] pra tomar café. Ah, o cheiro do café da vó... Minha mãe cansou de [<i>me levar</i>] todo dia e começou a fazer café em casa, a vó já foi para outra dimensão, mas ainda hoje, quando raramente passo na rua em que ela morou, sinto cheiro de café. E chego em casa querendo café”.		Verbo pleno
66	28/nov	Máguino – Final, Albir José Inácio da Silva	“- Pronto, Dona Jacira! – disse Dr. Simão quando ela voltou à sala. – Cumprimos o nosso dever. Máguino foi ótimo funcionário e será sempre um amigo desta empresa. [<i>Leve o meu cartão</i>], e pode buscar o seu marido na delegacia”.	01	Verbo pleno
67	06/dez	Nós e as Metáforas, Clara Braga	“O cansaço parece maior que qualquer vontade de continuar, e é aí que entendemos que quem manda é nossa cabeça, por isso temos que estar sempre com a cabeça no lugar, lembrando sempre que para ter a cabeça no lugar é preciso [<i>se deixar levar</i>], se perder de vez em quando”.	01	Verbo-suporte
68	07/dez	Perfil, Carla Dias	“E em vez de me desapontar com as nossas diferenças, decidi embarcar nelas, [<i>levando as minhas a tiracolo</i>]. Vai saber aonde [<i>nossas diferenças podem nos levar</i>], certo?”	02	Verbo não pleno 1 Verbo não pleno 2
69	12/dez	Academia, Livros e Halteres, Albir José Inácio da Silva	“Ele cada vez mais interessado, [<i>levando os livros</i>] que eu trazia, fazendo perguntas e propondo temas”.	01	Verbo pleno
70	20/dez	Desmistificand o Papai Noel, Clara Braga	“Quando ouvi aquela frase eu já me tremi, sabia que sobraria pra mim! Então a menina respondeu toda confiante: existe sim, ele [<i>leva presente todo ano nas nossas casas</i>]!”	01	Verbo pleno
71	21/dez	Apesar da Ironia, Carla Dias	“Os deuses devem estar exaustos de [<i>levarem a culpa pelos seus erros</i>], assim como o povo”.	01	Verbo-suporte
72	28/dez	O Nó, Carla Dias	“E daí que vai [<i>levar mais tempo</i>] do que até sexta-feira, comprometendo o fim de semana?”	01	Verbo-suporte
73	30/dez	Uma Aventura de Natal do Velho Padre, Zoraya Cesar	“Pois estava o Velho Padre percorrendo sem pressa [<i>os 20 quilômetros que o levariam à casa do irmão</i>], onde passaria o Natal. [<i>Levava consigo uma imagem de São José</i>], entalhada em madeira, para completar o presépio, a pedido da cunhada, devota fervorosa do santo”.	02	Verbo não pleno 2 Verbo pleno